

OS VERSOS QUE TE DOU

Letra: J. G. de Araujo Jorge

Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Arranjo: Gabriel Gonçalves

Interpretação: Valter Santos

Ouçã a música Ctrl + clique no link abaixo:

Homenagem aos amigos



Joracy Petroucic



Jomar Wladimir Dal Moro



J. G. de Araujo Jorge

OS VERSOS QUE TE DOU...

Ouve estes versos que te dou, eu os fiz
hoje que sinto o coração contente,
- enquanto o teu amor for meu somente,
eu farei versos... e serei feliz ...

E hei de faze-los pela vida em fora
versos de sonho e amor, e hei de depois
relembrar o passado de nós dois,
esse passado que começa agora...

Estes versos repletos de ternura
são versos meus, mas que são teus, também...
Sozinha, hás de escutá-los, sem ninguém
que possa perturbar nossa ventura...

Quando o tempo branquear os teus cabelos
hás de um dia, mais tarde, revive-los,
nas lembranças que a vida não desfez...

E ao lê-los... com saudade, em tua dor,
hás de rever, chorando, o nosso amor,
e hás de lembrar, também, de quem os fez...

Se nesse tempo eu já tiver partido
e outros versos quiseres, teu pedido
deixa ao lado da cruz para onde eu vou...

Quando lá, novamente, então tu fores,
podes colher do chão todas as flores
pois são versos de amor que ainda te dou!.

Silenciosamente

Letra de J. G. De Araujo Jorge

Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Arranjo e interpretação: Gabriel Alves Gonçalves

Seguimos assim, juntos, felizes,

Juntos, felizes, pela vida a fora...

- Tu, no silêncio em que mais coisas dizes!

- Eu, no silêncio em que me encontro agora!

Meu passo há de seguir por onde pises!

E a tua mão, que em minha mão demora,

há de, com o tempo, até criar raízes,

unindo vida a vida, hora por hora...

Seguiremos assim, como bem poucos,

bendizando na nossa trajetória

os que souberam como nós ser loucos...

Loucos de amor, ébrios de amor - seguindo

para um mundo de sonhos, para a glória

do silêncio que vamos repartindo!



Fonte: <http://www.jgaraujo.com.br/index.html>

Obras do Poeta

MEU CÉU INTERIOR (1ª edição -1934), em 6ª edição.

Neste livro de estreia, profundamente lírico, **Araújo Jorge** ora lembra aquela pureza inicial os antigos poetas gregos, (e houve alguém que lhe comparasse os versos aos cantos e odes anacreônticas), ora sugere Steccheti, pela simplicidade do estro e pelas características temáticas e imaginativas. Os versos deste livro foram escritos entre os **15 e os 17 anos do poeta**, muitos deles, quando ainda era aluno do Colégio Pedro II.

Deste livro, talvez o poema "**OS VERSOS QUE TE DOU...**" é o que mais fundo tenha palmente as jovens, pela sua terna beleza.



www.aĩndamelhor.com

Quero ser uma ilha,
um pouco de paisagem,
uma janela aberta,
uma montanha ao longe,
um aceno de mar.

Quando precisares de sonho,
de um canto de beleza,
de um pouco de silêncio,
ou simplesmente
de sol... e de ar...

Quero ser o lado bom
em que pensas,
isto que intimamente
a gente deseja
mas nem sempre diz
- quero ser, naquela hora,
o que sentes falta
para seres feliz...

Que quando pensares
em fugir de todos
ou de ti mesmo, enfim,
penses em mim...
(J.G. de Araújo Jorge)

http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa1/ao_som_das_balalaicas.html

"AO SOM DAS BALALAICAS"



Noites tão claras do Volga
Contos que trago em meu ser
Foge no pensamento meu
Foge romance que se leu
E cujas folhas não posso reler
Danças e gritos constato
Vodkas e beijos sensuais
Corpos saltam loucos no ar
Corpos vibram mais que o mar
Tudo fugiu e não volta jamais

As Balalaikas,
Eu sinto-as vibrando em mim
As Balalaikas,
Me lembram paixões sem fim
Seus tristes sons
Já não voltam mais
Nunca mais, nunca mais,
As Balalaikas,
Me fazem sofrer demais.

(J. G. de Araujo Jorge - Georges Moran)



Nuno Roland

Intérprete - Reinold Correia de Oliveira, conhecido como Nuno Roland
(Joinville, 1 de março de 1913 — 20 de dezembro de 1975) foi um dos grandes cantores da época de ouro do rádio brasileiro. Gravou duas músicas de J.G. Araujo Jorge e Georges Moran em 1940: "Moreninha Linda e "Ao Som das Balalaicas"

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	AO SOM DAS BALALAICAS
GÊNERO	VALSA ROMANCE RUSSA
AUTOR	GEORGES MORAN - J. G. DE ARAÚJO JORGE
INTÉRPRETE	NUNO ROLAND
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA ODEON SOB DIREÇÃO DE SIMON BOUNTMAN
SELO	ODEON

MATRIZ	6321
GRAVA	28/03/40
LANÇAMENTO	jun.1940
VERSO	MORENINHA LINDA

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa2/carioca.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"CARIOCA"



*Todos dizem que ela passa sempre bela
Carioca, carioca
Pois mulher não há no mundo igual a ela
Carioca, infernal*

*É um tipo afinal sem igual,
não tem outra que lhe seja igual (nem a pau)
É a mulher que enfeitiça e prende a gente
no Brasil nasceu
e no corpo tem curva de serpentes
no Brasil nasceu
A mulher que é carinhosa meiga e ardente
no Brasil nasceu
E se alguém duvidar e nos evitar
é gostosa como um trago de café.*

(Georges Moran- J. G. de Araujo Jorge)



Trigêmeos Vocalistas
Raul Carezzato, Humberto Carezzato &
Armando Carezzato

Intérprete- Conjunto Trigêmeos Vocalistas, foi criado em 1937 pelos irmãos Armando Carezzato (1917) e os gêmeos Raul (1921) e Humberto, de uma enorme família italiana que morava no Brás, entre a rua Oriente e o alto do Pari. Humberto era o crooner e o cavaquinho, Raul o baixo, e tocava ritmo e flauta, Armando a terceira voz e violão tenor. O sapateado era feito por Humberto e Raul.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	CARIOCA
GÊNERO	PASSO DOBLE
AUTOR	GEORGES MORAN - J. G. DE ARAÚJO JORGE
INTÉRPRETE	TRIGÊMEOS VOCALISTAS
SELO	ODEON
MATRIZ	7585
GRAVA	01/06/44
LANÇAMENTO	ago.1944
VERSO	LÁ NO TEXAS

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa3/cherie.html>

José Guilherme de Araujo Jorge

“CHERIE”



*Tanta ternura e beleza
em outra jamais eu vi
Minha boneca francesa
que eu hei de chamar, cherie
Faz minha vida intranqüila
pois sempre ao me ver, sorri
Para poder defini-la*

*um nome encontrei, cherie
Sonho impossível que um dia
sonhei, e afinal ,perdi
Ilustração fantasia de
história feliz que eu li
Um seu olhar tem calor,
tem sol,
tem céu
tem tudo o que fala de amor,
cherie
oh my cherie

oh my cherie*

(Alcides Pires Vermelho - J. G. de Araujo Jorge)



Obs.: J.G. de Araujo Jorge (1914-1987)

já havia publicado 10 livros, E escrito letras de músicas para Sílvio Caldas, Odete Amaral, Francisco Alves e Anjos do Inferno, quando Carlos Galhardo gravou esta música em 10/06/1953.



Carlos Galhardo

*Intérprete - Castelo CARLOS Gualhiardi
CARLOS GALHARDO (1913-1985)*

Nasceu em Buenos Aires em 24 de abril de 1913 e veio para o Brasil com um ano de idade. Dono de uma belíssima voz, foi Francisco Alves que o incentivou à cantar. Ficou conhecido como o "Rei da Valsa". Gravou inúmeros sucessos, entre eles, "Boas Festas", que tornou-se um clássico da música natalina, e "Quarto Centenário" de SP. Galhardo faleceu no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1985, aos 72 anos de idade.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	CHERIE
GÊNERO	VALSA
AUTOR	ALCIDES PIRES VERMELHO - J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	CARLOS GALHARDO
SELO	RCA VICTOR
MATRIZ	BE6-VB-1240
GRAVA	02/08/1956
LANÇAMENTO	out. 1956
VERSO	DOMANI

José Guilherme de Araujo Jorge



“CONFESSANDO QUE TE ADORO”



*A quanto tempo esta paixão
que ninguém via
ocultava em meu silêncio
dia e noite, noite e dia.
Eram para outros teus olhares,
os teus beijos
e eu morrendo de ciúmes
disfarçava os meus desejos.*

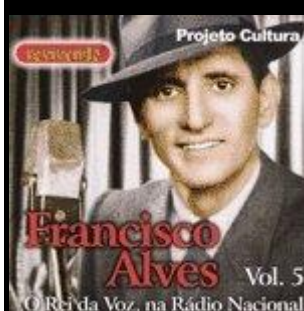
*Sofri bastante esperando este momento
em que tudo revelando
terminasse o meu tormento.
Mas hoje em fim posso dizer
que meu amor é infinito
como o mar
no coração de um pescador.*

*Já vejo agora mais estrelas na amplidão
pelas matas mais perfumes
e mais flores pelo chão.
Talvez por isto não esconda esta alegria
confessando que te adoro
dia e noite, noite e dia.*

*Mas hoje em fim posso dizer
que o meu amor é infinito*

*como o mar
no coração de um pescador.*

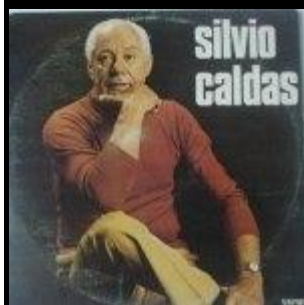
(José Carlos Burle – J. G. de Araujo Jorge)



Francisco Alves

Obs.: Esta música também foi gravada por Francisco Alves, na mesma ocasião.

Francisco Alves "O Rei da Voz" nasceu em 19/08/1898, RJ. No entardecer de 27/09/1952, na via Dutra, vem a falecer tragicamente, quando voltava ao Rio, na companhia do amigo Haroldo Alves, que sobrevive. Seu Buick foi atingido por um caminhão que vinha na contramão, e pega fogo. O cantor morreu na hora. Fim irônico para quem evitava viajar de avião, por medo de morrer carbonizado como Carlos Gardel.



Silvio Caldas

Intérprete - SÍLVIO Narciso de Figueiredo CALDAS nasceu no Rio de Janeiro em 23.05.1908. Faleceu em 03 de fevereiro de 1998 na cidade de Atibaia, onde vivia. Era chamado de "O Caboclinho Querido". Compôs em parceria com Orestes Barbosa o famoso "Chão de Estrelas".

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	CONFESSANDO QUE TE ADORO
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA COPACABA-NA SOB DIREÇÃO DE SIMON BOUNTMAN
GÊNERO	CANÇÃO
AUTOR	JOSÉ CARLOS BURLE - J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	SÍLVIO CALDAS
SELO	ODEON
MATRIZ	5588
GRAVAÇÃO	01/06/1937
LANÇAMENTO	jul. 1937
VERSO	MEU LIMÃO MEU LIMOEIRO

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa5/indiferenca.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"INDIFERENÇA"



*Hoje à noite ao encontrar-me tu fingiste
não me ver,
e ate voltaste para o lado o rosto
sem razão.*

*Para que um gesto inútil como o teu.
Um gesto fútil .
Nada mais existe em nós,
em nossos coração.*

*De lembra-te nem me lembro mais.
Odiar-te não te odeio mais.
Tanto faz querer--te .
Tanto faz perder-te .
Tua falta não faz falta mais*

*Esquecer-te eu já te esqueci ..
Hoje ao ver-te, a ninguém eu vi
Tanto faz ,
bem viste
Nada mais existe
de um extinto amor por ti*

(Georges Moran - J.G. de Araujo Jorge)





Carlos Galhardo

Castelo CARLOS Gualhiardi –
Intérprete: CARLOS GALHARDO (1913-1985)
Nasceu em Buenos Aires em 24 de abril de 1913 e veio para o Brasil com um ano de idade. Dono de uma belíssima voz, foi Francisco Alves que o incentivou à cantar.
Ficou conhecido como o "Rei da Valsa". Gravou inúmeros sucessos, entre eles, "Boas Festas" que tornou-se um clássico da música natalina. Galhardo faleceu no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1985, aos 72 anos de idade.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	INDIFERENÇA
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA
GÊNERO	VALSA
AUTOR	GEORGES MORAN - J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	CARLOS GALHARDO
SELO	RCA VICTOR
MATRIZ	S-052956-1
GRAVAÇÃO	04/05/1944
LANÇAMENTO	jul. 1944
VERSO	TALVEZ

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa6/mensagem-de-papai-noel.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"MENSAGEM DE PAPAI NOEL"



*Deus na terra! Eis o Natal!
Repicam sinos...Festações...*

*Feriado Nacional
no coração das crianças!
Natal! É sonho e vigília
harmonia, amor e paz...*

*Milagre! Toda família
se reúne uma vez mais...*

*Ser criança no Natal,
é uma alegria do céu...
- mas a maior alegria
é a de ser Papai Noel...*

*Nasceu Jesus, é o Natal!
Nasceu apenas Jesus...
- Quando no mundo, afinal,
há de nascer sua luz?*

*(J. G. de Araujo Jorge & Gui de Morais)
Ricardo Levi (declamação) 1961 Poema*

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa7/meu-amigo-violao.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“MEU AMIGO VIOLÃO”



*Hoje eu te esperei em vão
Quanto te esperei
e na minha solidão*

logo me lembrei
 de um amigo pretender
 que esta sempre aqui
 nunca falta
 sempre vem me falar de ti
 não me canso de tocar
 meu violão
 não se cansa de te amar
 meu coração
 quando fico triste a sós
 eu e a minha dor
 canto
 e oculto a minha voz
 penso em nosso amor
 Não me canso de supor
 que vens pra mim
 Não se cansa a minha dor
 sofrendo assim
 e nas cordas do violão
 sinto teu calor
 como se o instrumento fosse
 o teu corpo amor.

(Georges Morandes & J.G. de Araujo Jorge)



Sílvio Caldas

Intérprete – **SÍLVIO CALDAS** (Sílvio Narciso de Figueiredo Caldas)
 nasceu no Rio de Janeiro em 23.05.1908. Ficou conhecido como o
 "Caboclinho Querido". Compôs em parceria com Orestes Barbosa o
 famoso "Chão de Estrelas".
 Sílvio viveu em São Paulo onde recebeu freqüentes homenagens e
 participou de shows e apresentação na televisão.
 Faleceu em 03.02.1998

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	MEU AMIGO VIOLÃO
ACOMPANHAMENTO	CONJUNTO
GÊNERO	CANÇÃO
AUTOR	GEORGES MORANDES & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	SÍLVIO CALDAS
SELO	VICTOR
MATRIZ	S-052775-1
GRAVAÇÃO	18/05/1943
LANÇAMENTO	jul.1943
VERSO	MODINHA

<http://www.igaraujo.com.br/LP/Faixa8/meu-violao-vai-me-acompanhar.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“MEU VIOLÃO VAI ME ACOMPANHAR”



*Quando a saudade me maltrata
o meu violão vem me acompanhar
As velhas canções que falam de ti
relembra o que perdi
Quando a tristeza me envolver
o meu violão me faz esquecer*

*Que tendo a vibrar bem junto de mim
não sei se estas longe assim
Meu violão apertado ao meu peito
parece teu corpo no meu
Nas suas cordas meus dedos vibrando
desperta o amor que morreu.*

*Quando a saudade me maltrata
o meu violão vem me acompanhar
As velhas canções que falam de ti
relembra o que perdi*

*Meu violão apertado ao meu peito
parece o teu corpo no meu
Nas suas cordas meus dedos vibrando
desperta o amor que morreu.*

Quando a saudade me maltrata

*o meu violão vem me acompanhar
As velhas canções que falam de ti
relembra o que perdi.*

(Georges Moran & J.G. de Araujo Jorge)



Lucio Alves

Lúcio Ciribelli Alves, cantor, compositor e instrumentista, nasceu em Cataguases MG 28/1/1927 Filho de um maestro da banda de Cataguases, aos seis anos começou a aprender violão. Um ano depois mudou-se para o Rio de Janeiro RJ. Em 1941, com um grupo de amigos, organizou o conjunto Namorados da Lua, destacando-se como violonista, crooner e arranjador. Com a bossa nova seu nome voltou a ter destaque e, além de participar de vários shows de televisão, boate e teatro, lançou novos LPs. Faleceu no Rio de Janeiro RJ em 3/8/1993.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	MEU VIOLÃO VAI ME ACOMPANHAR
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA
GÊNERO	SAMBA CANÇÃO
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	LÚCIO ALVES
SELO	MOCAMBO
MATRIZ	S-052775-1
LANÇAMENTO	1957

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa9/moreninha-linda.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“MORENINHA LINDA”



*Minha vida é a noite, tua vida é a luz do luar
O teu corpo é areia meu desejo é como o mar*

*Moreninha linda a seguir-te sempre assim
era um dia fértil sem fim*

*Moreninha que passas junto a mim
bonitinha, brejeira e meiga assim*

*Moreninha eu vivo a te adorar
Moreninha a tua boca deixa a minha alma louca
a minha alma a delirar.*

(Georges Moran & J.G. de Araujo Jorge)



Nuno Roland

Intérprete - Reinold Correia de Oliveira, conhecido como Nuno Roland (Joinville, 1 de março de 1913 — 20 de dezembro de 1975) foi um dos grandes cantores da época de ouro do rádio brasileiro. Gravou duas músicas de J.G. Araujo Jorge e Georges Moran em 1940: “Moreninha Linda e “Ao Som das Balalaicas”

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO

MORENINHA LINDA

ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA ODEON SOB DIREÇÃO DE SIMON BOUNTMAN
GÊNERO	VALSA
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	NUNO ROLAND
SELO	ODEON
MATRIZ	6321
GRAVAÇÃO	28/03/40
LANÇAMENTO	jun. 1940
VERSO	AO SOM DAS BALALAICAS

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa10/ninguem-te-afastara-de-mim.html>



"NINGUÉM TE AFASTARÁ DE MIM"



*Ninguém te afastará de mim
 Ninguém te levará de mim
 Ninguém te roubará por teu amor
 Ninguém há de nos separar
 Ninguém há de este amor julgar
 Ninguém será como eu, o teu senhor*

*Ninguém te dá o que eu te dou
 Ninguém jamais assim te amou
 Ninguém de tais prêmios recebeu
 Ninguém como eu te quero assim
 Ninguém como eu te afigo assim
 Ninguém teus beijos tem,
 assim como eu.*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Carlos Galhardo

Intérprete - Castelo CARLOS Gualhiardi – CARLOS GALHARDO (1913-1985)

Nasceu em Buenos Aires em 24 de abril de 1913 e veio para o Brasil com um ano de idade. Dono de uma belíssima voz, foi Francisco Alves que o incentivou à cantar.

Ficou conhecido como o "Rei da Valsa". Gravou inúmeros sucessos, entre eles, "Boas Festas", que tornou-se um clássico da música natalina, e "Quarto Centenário" de SP.

Galhardo faleceu no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1985, aos 72 anos de idade.

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	NINGUÉM TE AFASTARÁ DE MIM
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA
GÊNERO	SAMBA CANÇÃO
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	CARLOS GALHARDO
SELO	RCA VICTOR
MATRIZ	BE3-VB-0162
GRAVAÇÃO	10/06/1953
LANÇAMENTO	ago.1953
VERSO	AI MEU BEM

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa11/perdoa-meu-amor1.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“PERDOA MEU AMOR”



*Meu doce bem tão junto a ti confesso
que sempre sou feliz tu podes crer
meu doce bem não pense eu te peço
que um só momento eu posso te esquecer
perdoa meu amor culpado eu sou bem sei*

*perdoa meu amor os males que causei
perdoa meu amor que tudo que hoje eu fiz
te fiz chorar e acabei a pensar que es infeliz
perdoa meu amor se volto tarde assim
perdoa meu amor que importa de onde eu vim*

*perdoa meu amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

*perdoa amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Orlando Silva

Intérprete - ORLANDO Garcia SILVA 3/10/1915 7/8/1978

Nasceu no dia 3 de outubro de 1915, no RJ.

Aliando à voz privilegiada, sensibilidade e técnica, foi um dos grandes cantores da chamada “Era de Ouro” da música brasileira. Ficou conhecido como “O Cantor das Multidões”.

De sua vasta discografia, podemos destacar “Lábios que Beijei”. No dia 4 de agosto de 1978 em sua casa na Ilha do Governador Orlando Silva sofreu um derrame e foi hospitalizado, vindo a falecer no dia 7 do mesmo mês. Seu período de auge durou apenas sete anos de 1935 a 1942.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	<i>PERDOA MEU AMOR</i>
ACOMPANHAMENTO	<i>COPINHA E SUA ORQUESTR</i>
GÊNERO	<i>VALSA</i>
AUTOR	<i>GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE</i>
INTÉRPRETE	<i>ORLANDO SILVA</i>
SELO	<i>ODEON</i>
MATRIZ	<i>8200</i>
GRAVAÇÃO	<i>26/03/47</i>
LANÇAMENTO	<i>maio.1947</i>
VERSO	<i>ABIGAIL</i>

<http://www.igaraujo.com.br/LP/Faixa12/perdoa-meu-amor2.html>



“PERDOA MEU AMOR”



*Meu doce bem tão junto a ti confesso
que sempre sou feliz tu podes crer
meu doce bem não pense eu te peço
que um só momento eu posso te esquecer
perdoa meu amor culpado eu sou bem sei*

*perdoa meu amor os males que causei
perdoa meu amor que tudo que hoje eu fiz
te fiz chorar e acabei a pensar que es infeliz
perdoa meu amor se volto tarde assim
perdoa meu amor que importa de onde eu vim*

*perdoa meu amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

*perdoa amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Sílvio Caldas

Intérprete – SÍLVIO CALDAS (Sílvio Narciso de Figueiredo Caldas) nasceu no Rio de Janeiro em 23.05.1908. Ficou conhecido como o "Caboclinho Querido". Compôs em parceria com Orestes Barbosa o famoso "Chão de Estrelas". Sílvio viveu em São Paulo onde recebeu freqüentes homenagens e participou de shows e apresentação na televisão. Faleceu em 03.02.1998

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	PERDOA MEU AMOR
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	VALSA
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	SÍLVIO CALDAS
SELO	ODEON
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	1973
LANÇAMENTO	*
VERSO	*

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa13/perdoa-meu-amor3.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"PERDOA MEU AMOR"



*Meu doce bem tão junto a ti confesso
que sempre sou feliz tu podes crer
meu doce bem não pense eu te peço
que um só momento eu posso te esquecer
perdoa meu amor culpado eu sou bem sei*

*perdoa meu amor os males que causei
perdoa meu amor que tudo que hoje eu fiz
te fiz chorar e acabei a pensar que es infeliz
perdoa meu amor se volto tarde assim
perdoa meu amor que importa de onde eu vim*

*perdoa meu amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

*perdoa amor porque tu sabes bem
que a minha vida és tu e mais ninguém*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Nana Caymmi

NANA CAYMMI 29/4/1941 Filha de Dorival Caymmi e Stella Maris, irmã de Danilo e Dori Caymmi, cresceu numa das famílias mais musicais do Brasil. Começou a cantar ainda muito jovem, adotando desde cedo uma técnica particular para valorizar seu timbre grave. Em 1961 fez uma participação cantando "Acalanto", do pai, e logo em seguida mudou-se com o marido para a Venezuela, passando alguns anos afastada do meio artístico. De volta ao Brasil, lançou seu primeiro disco, "Nana", pelo selo Elenco do produtor Aloysio de Oliveira, e participou do I Festival Internacional da Canção, obtendo o primeiro lugar em 1966 com "Saveiros" (Dori Caymmi/ Nelson Motta). No exterior, trabalhou com Sarah Vaughan e Sergio Mendes.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	PERDOA MEU AMOR
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	VALSA
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	NANA CAYMMI
SELO	ODEON
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	LP-1977 / CD - 1993
LANÇAMENTO	*
VERSO	*

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa14/prai-a-mulher.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“PRAIA MULHER”



*Entre mil praias dizem que ela
é a maior... viu?*

*Tudo reclame, não vi sequer uma só praia
que conquista e não engana
Copacabana praia mulher*

*Oh minha Copacabana quero que cada vez mais
seja a morena praiana de trajes sensuais
Oh minha praia querida cheia de sol e calor
es seria perdia de na cidade do amor*

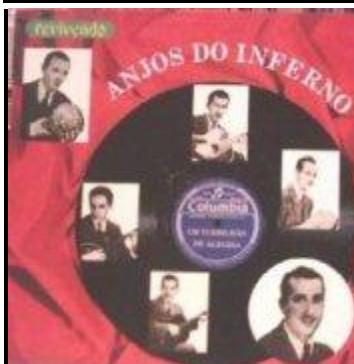
*ai ai Copacabana linda
ai ai quero te mais ainda*

*ai ai Copacabana linda
ai ai quero te mais ainda*

*Oh minha Copacabana quero-te cada vez mais
praia mulher soberana que eu não esqueço jamais*

*ai ai
quero-te cada vez mais,
ai ai
ninguém te esquece jamais,
Nunca mais*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Anjos do Inferno

Intérpretes: Conjunto vocal “Anjos do Inferno” foi organizado no RJ em dezembro de 1934 e teve sua fase de maior popularidade como sexteto, na primeira metade da década de 40. O conjunto era composta inicialmente por: Oto Alves Borges (Rio de Janeiro 1913—), que atuava como crooner, incluía inicialmente os violonista Moacir Bittencourt e Filipe Brasil, os irmãos Antonio Barbosa (pandeiro) e José Barbosa (violão tenor), além de Milton Campos, um dos primeiros instrumentistas brasileiros a utilizar o pistom nasal (imitação do som de pistom comprimindo as fossas nasais).

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	PRAIA MULHER
ACOMPANHAMENTO	ANJOS DO INFERNO
GÊNERO	RUMBA
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	ANJOS DO INFERNO
SELO	COLUMBIA
MATRIZ	623-1
GRAVAÇÃO	25/03/1943
LANÇAMENTO	abr.1943
VERSO	PESADELO

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa15/primavera-em-flor.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“PRIMAVERA EM FLOR”



Acordei bem cedo em ti ao me levantar
despertei ao sol que estava a me chamar
levantei-me cedo e alegre me senti
pois eu acordei pensando em ti
A primavera em flor
dando a luz aos caminhos
um riso em cada cor com os passarinhos
porque esperar depois
só nos dois vamos passear
a primavera vem e o teu amor também
Sou tão feliz a sós
que ao teu lado sigo
ouvindo a tua voz
quando estas comigo
E o teu olhar feliz
tudo diz sem querer dizer
oh primavera em flor
e o teu amor

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Odete Amaral

Odete Amaral nasceu em Niteroi no dia 28.04.1917. Era chamada por Cesar Ladeira de "A voz tropical do Brasil" e como tal teve o seu lugar garantido entre as grandes cantoras de sua época. Faleceu no Rio de Janeiro aos 67anos de idade, em 11.10.1984

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	PRIMAVERA EM FLOR
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA ODEON - DIR.: FON FON
GÊNERO	CANÇÃO
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	ODETE AMARAL
SELO	ODEON
MATRIZ	7222
GRAVAÇÃO	12/03/1943
LANÇAMENTO	mai. 1943
VERSO	FAVELA MORENA

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa16/sera-verdade.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



“SERÁ VERDADE ?”



*Vivo atormentado e não tenho paz.
Todos dizem que não me queres mais.
Vamos meu amor, responde se eu sou teu,
Ou se o nosso amor passou , morreu.*

*Será verdade o que se diz maldosamente.
Será verdade que é mentira o teu amor.
Que os beijos teus já não são meus
Que é melhor dizer adeus,
e que melhor nos despedirmos, sem rancor.*

*Será verdade o que repetem cruelmente.
Será verdade o que de ti se pensa e diz.
Não quero crer que vais mentir.
Dos lábios teus eu quero ouvir
Será verdade que não és feliz...*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)





Orlando Silva

Intérprete - ORLANDO Garcia SILVA (1915-1978) Nasceu no dia 3 de outubro de 1915, no RJ. Aliando à voz privilegiada, sensibilidade e técnica, foi um dos grandes cantores da chamada "Era de Ouro" da música brasileira.

Ficou conhecido como "O Cantor das Multidões". De sua vasta discografia, podemos destacar "Lábios que Beije". No dia 4 de agosto de 1978 em sua casa na Ilha do Governador Orlando Silva sofreu um derrame e foi hospitalizado, vindo a falecer no dia 7 do mesmo mês.

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	SERÁ VERDADE ?
ACOMPANHAMENTO	ORQUESTRA ODEON - DIR.: FON FON
GÊNERO	VALSA-CANÇÃO
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	ORLANDO SILVA
SELO	ODEON
MATRIZ	7237
GRAVAÇÃO	24/03/1943
LANÇAMENTO	jun. 1943
VERSO	PODES MENTIR

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa17/so-existo-e-vivo-em-ti.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"SÓ EXISTO E VIVO EM TI "



*Nossos dois destino se encontraram
Logo se juntaram presos como nós
Se hoje o meu destino é ao teu unido
Trago em meu ouvido sempre a tua voz*

*Onde quer que esteja amor eu sempre penso em ti
Faça o que fizer também estou pensando em ti
Quero te apagar dos meus sentidos
Mas tudo em vão se eu só existo e vivo em ti*

*Pense o que pensar meu pensa mento é sempre assim
Queira o que quiser o meu desejo não tem fim
Todos os meus dias são perdidos
Eu não me iludo tu és tudo para mim*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)



Jorge Goulart

Intérprete - Jorge Goulart, nome artístico de Jorge Neves Bastos, nasceu em Vila Isabel, na Rua Araripe Junior, cidade do Rio de Janeiro, em 16.1.1926, filho do conhecido jornalista Iberê Bastos e de Arlete Neves Bastos, cantora, que ao casar-se deixou de cantar. É neto do Visconde de Niterói e fez o curso ginásial no Colégio Pedro II, onde foi aluno de JG Araujo Jorge e começou sua participação política. Decidiu-se nessa época pela carreira artística.

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	SÓ EXISTO E VIVO EM TI
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	BOLERO
AUTOR	GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	JORGE GOULART
SELO	*
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	24/08/55
LANÇAMENTO	1956-02/03
VERSO	*

José Guilherme de Araujo Jorge



“TU PRECISAS DE MIM”

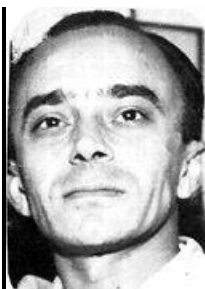


*Tu Precisas de Mim
Tu precisas de mim, e deves compreender.
Eu preciso de ti, sem ti não sei viver.
Nós não podemos continuar os dois em vão assim
Se eu te quero tanto e se me queres tanto assim*

*Tu precisas de mim, o amor já nos prendeu
Eu preciso de ti depois que eu já fui teu
Porque negar porque fugir tu sente eu senti
Tu precisas de mim, e eu de ti.*

(Georges Moran & J. G. de Araujo Jorge)





*Gilberto
Milfont*

Intérprete - Gilberto Milfont (João Milfont Rodrigues). Cantor e compositor nasceu em Lavras da Mangabeira/CE em 7/11/1922. Cantou em público pela primeira vez aos 14 anos, convidado pelo seu tio para o programa Hora Infantil, na PRE-9, onde trabalhou, mais tarde, como diretor artístico.

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	<i>TU PRECISAS DE MIM</i>
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	<i>FOXTROTE</i>
AUTOR	<i>GEORGES MORAN & J. G. DE ARAUJO JORGE</i>
INTÉRPRETE	<i>GILBERTO MILFONT</i>
SELO	*
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	<i>1955</i>
LANÇAMENTO	*
VERSO	*

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa19/minhas-trovas-de-amor.html>

José Guilherme de Araujo Jorge



"MINHAS TROVAS DE AMOR"



*Louco de amor, te busquei,
e ao te encontrar, percebi
que não fui eu que te achei;
eu, sim, é que te perdi.*

*Como o quadro na moldura,
como a rosa no botão,
como Deus na criatura, -
estas no meu coração*

*Quis tornar-me um trovador
para dizer que és minha,
mas tudo em vão, - meu amor
não coube numa quadrinha.*

*Definir a eternidade
é fácil, já a defini:
é o instante de saudade
que eu vivo longe de ti.*

(João Roberto Kelly & J. G. de Araujo Jorge)



*Agnaldo
Timóteo*

*Intérprete:
Agnaldo Timóteo nasceu no dia 16 de outubro de 1936
em Caratinga, Minas Gerais.*

FICHA TÉCNICA:	
TÍTULO	<i>MINHAS TROVAS DE AMOR</i>
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	<i>CANÇÃO</i>
AUTOR	<i>JOÃO ROBERTO KELLY & J. G. DE ARAUJO JORGE</i>
INTÉRPRETE	<i>AGNALDO TIMÓTEO</i>
SELO	<i>ODEON</i>
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	<i>1971</i>
LANÇAMENTO	*

<http://www.jgaraujo.com.br/LP/Faixa20/prece.html>

José Guilherme de Araujo Jorge

A OBRA DE JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

I. Coral Hino Vocal

- * A missa e o requiem 2:38
- * Canto coral 2:28
- * Trem de Fierro 2:35
- * Cântico Natalino 2:30

II. Quinteto de Sopros

Dispositivos nº 1

- a) Allegro Moderato 1:35
- b) Andante Sostenuto 2:30
- c) Allegro con moto 2:45

III. Duo (Canto e Piano)

Canções de Câmara


- * Piquete 4:20
- * Si 2:20
- * Povo 2:20
- * Deus 1:40
- * Canção à Mãe 1:30
- * Canção de Maria 2:45
- * Adorção 2:45

IV. Duo (Violão e Piano)

- * Dança e Sereia 4:25
- * Seta em três movimentos para Violão solo 9:50
- * Seta; à Violão e Violão 9:50

V. Coral Canto em Coral

- * Canção de muitas Marias 7:50
- * Hino Vocálico 2:35
- * Cantata em 2 tempos sobertinosa: Hinos de Foras 2:35



107561

Frank Zappa, incluído no catálogo pela gravadora de CDs e membros da Audio Engineering Society e pela Sociedade de Tecnologia de Música Contemporânea, sendo este o primeiro do sistema de cinco, a qualidade de gravação, influenciada, de modo a não, desde a criação da música contemporânea brasileira.

Esta gravação foi feita no Ateliê de Gravação, Fundação de Cultura, Estado de Minas.

"PRECE"



*Bendita sejas tu em meu caminho!
Bendita sejas tu, pela coragem
com que fizeste de um amor selvagem
esse amor que se humilha ao teu carinho!*

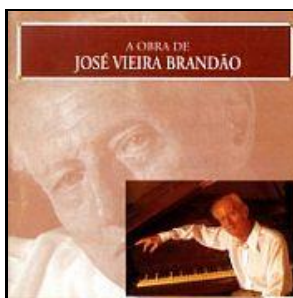
*Bendita sejas, porque a tua imagem
suaviza toda angústia e todo espinho...
Já não maldigo a insipidez da viagem,
nem me sinto só, nem vou sozinho...*

*Bendita sejas tantas vezes quantas
são as aves no céu; e são as plantas
na terra; e são as horas de emoção*

*em que juntos ficamos, de mãos dadas,
como se nossas vidas irmanadas
vivessem por um mesmo coração!*

*(Poema de JG de Araujo Jorge, do livro
Eterno Motivo; - Prêmio Raul de Leoni,
da Academia Carioca de Letras - 1943)*





*José Vieira
Brandão*

"A Obra de José Vieira Brandão" - 2o CD da série Projeto Musical com obras corais e de música vocal e instrumental de câmara do compositor José Vieira Brandão. Produção do Conservatório Brasileiro de Música e da Rio-Arte, 1995.

José Vieira Brandão nasceu em Cambuquira - MG em 26.09.1911 e faleceu aos 89 anos, no Rio de Janeiro no dia 27 de julho, 2000.

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO	PRECE
ACOMPANHAMENTO	*
GÊNERO	CANÇÃO
AUTOR	J. G. DE ARAUJO JORGE
INTÉRPRETE	JOSÉ VIEIRA BRANDÃO
SELO	*
MATRIZ	*
GRAVAÇÃO	*
LANÇAMENTO	*
VERSO	*



- Biografia*
- Obras do Poeta*
- Fac Simile*
- Entrevista*
- Curiosidades*
- O Poeta Declama*
- Biblioteca Poética*
- Poesias Selecionadas*

"Este site é uma singela homenagem ao talento de um poeta que encantou sua geração."

Seu legado poético se resume em seus versos que de forma singular, . . . tocam fundo n'alma de todas as pessoas sensíveis a poesia amorosa''.

J. G. de Araujo Jorge (1914-1987)

Site criado em 25.07.2000

[Biografia](#) | [Obras do](#)

[Poeta](#) | [Entrevista](#) |

[Fac Símile](#) |

[Curiosidades](#) | [O](#)

[Poeta Declama](#)

[Biblioteca Poética](#) |

[Long Play](#) | [Poesias](#)

[Selecionadas](#) | [Fale](#)

[Conosco](#) |

297920

[Recomende](#) | [Links](#)



José Guilherme de Araujo Jorge

As informações abaixo foram compiladas dos livros "Concerto a 4 Mãos" 2º edição, página 173, e "Os Mais Belos Sonetos que o Amor Inspirou" volume II, 1º edição 1966, página 352.

J. G. de Araujo Jorge é o mais popular poeta do Brasil, de nossos dias. Seus versos multiplicam-se pelos cadernos de poesia dos jovens; são declamados em festas e recitais; difundidos em programas radiofônicos, jornais e revistas de todo o país, e, principalmente, estão na memória e no coração do povo.

Que maior glória pode aspirar um Poeta? Só Castro Alves e Augusto dos Anjos conseguiram no Brasil popularidade igual à conquistada por esse grande poeta moço.

Ele próprio já confessou, numa trovinha:

**Minha maior alegria
minha glória humilde e nua
é ver a minha poesia
fazer ciranda na rua**

Lírica e social, a poesia de Araujo Jorge emociona os corações enamorados, fala à alma de toda gente porque traduz seus desejos, angústias e esperanças, e, ao mesmo tempo, indica rumos e faz-se intérprete das reivindicações de sua época.

Romântico e socialista, é o poeta moderno que interpreta seu tempo e vê sua mensagem cumprir sua missão. J. G. de Araujo Jorge compõe letras para canções e para hinos. É o poeta do seu povo.

Eis uma relação completa de suas obras:

[Índice de Obras de J. G. de Araujo Jorge \(clique para acessar\)](#)

[01 - 1934 Meu Céu Interior](#)

[19 -1960 Coleção Trovadores Brasileiros](#)

02 - 1935 Bazar De Ritmos

03 - 1938 Amo!

04 - 1934 Cântico Do Homem
Prisioneiro!

05 - 1943 Eterno Motivo

06 - 1945 O Canto Da Terra

07 - 1947 Estrela Da Terra

08 - 1948 Festa de Imagens

09 - 1949 A Outra Face

10 - 1952 Harpa Submersa

11 - 1959 Concerto A 4 Mãos

12 - 1958 A Sós. . .

13 - 1960 Espera. . .

14 - 1961 De Mãos Dadas

15 - 1961 Canto A Friburgo

16 - 1964 Cantiga Do Só.

17 - 1965 Quatro Damas.

18 - 1966 Mensagem

20 - 1964 Cantigas De Menino Grande. 100
Trovas.

21 - 1964 Trevos De Quatro Versos . Trovas

22 - 1969 O Poder Da Flor

23 - 1942 Um Besouro Contra A Vidraça
PROSA

24 - 1961 Brasil, Com Letra Minúscula-
PROSA

25 - 1939 Poesias - Coletâneas

26 - 1947 Poemas De Amor-Coletâneas.

27 - 1948 Antologia Da Nova Poesia
Brasileira

28 - 1961 Meus Sonetos De Amor Coletâneas

29 - 1961 Poemas Do Amor Ardente
Coletâneas

30 - 1963 Os Mais Belos Sonetos Que O Amor
Inspirou

31 - 1964 Amor Vário Antologia Lírica.

32 - 1966 Os Mais Belos Sonetos Que O Amor
Inspirou

33 - 1969 No Mundo Da Poesia Crônicas

34 - 1970 Mais Belos Sonetos Que O Amor
Inspirou

35 - 1981 O Poeta Na Praça - Coletâneas

36 - 1986 Tempo Será - Coletâneas



José Guilherme de Araujo Jorge

Galeria 1 - Nesta seção capa e contracapa de algumas obras

Clique nas imagens para redimensionar



Galeria 2 - Nesta seção capa e contracapa de algumas obras

Clique nas imagens para redimensionar





Galerias [\[1\]](#) [\[2\]](#) [\[3\]](#) [\[4\]](#) [<< Anterior](#) [Seguinte >>](#)

*Galeria 3 - Nesta seção capa e contracapa de algumas obras
Clique nas imagens para redimensionar*





Galerias [\[1\]](#)[\[2\]](#)[\[3\]](#)[\[4\]](#) << Anterior Seguinte >>

Galeria 4 - Nesta seção capa e contracapa de algumas obras
 Clique nas imagens para redimensionar



Galerias [\[1\]](#) [\[2\]](#) [\[3\]](#) [\[4\]](#) << [Anterior](#)



J. G. de Araujo Jorge

Curiosidades

"ENQUANTO NÃO CHEGAS..."

Dirce Araujo Jorge de Assis

Prefácio de J. G. de Araujo Jorge

Dirce

Acontece que somos primos-irmãos. Quero, entretanto, que você saiba que esta não é razão porque compareço à primeira página de seu livro.

Desde a primeira vez em que você me mostrou seus poemas, achei que você tinha sensibilidade bastante para

querer trocar em poesia muitos momentos de sua emoção. E não apenas sensibilidade: mas esse indefinível dom que realiza o milagre de transformar a vida em poesia.

Não vou dizer aqui que você já encontrou sua forma de expressão. Não sou crítico nem ponho banca de doutrinador estético, num tempo em que críticos e poetas ditam e proclamam regras de poesias, esquecendo-se de que, poesia mesmo que é bom, não fazem.

Muitos dos seus versos ainda vêm com laivos de prosa. Outros, não conseguem bater asas, e se contentam com caminhar, ainda que com certa graça, mas com os pés no chão do prosaico. Nem sempre poesia é vôo, mas poesia é sempre altitude interior.

Todos nós que bateamos palavras, lutamos como mineradores, como garimpeiros, mas nem sempre conseguimos nos livrar da areia e da ganga.

O importante, é que seu veio é autêntico. O importante é que as pepitas já luzem em sua bateia. Agora, é continuar na faina, com amor e, por que não dizer? ambição.

Seus melhores versos, para mim, são aqueles subjetivos, em que você traz de você mesma, de sua muita ou pouca vida, alguma coisa que é a vida de todos nós.

Aqueles em que você, com a simplicidade de uma banhista a sós; se desnuda num auto-confessionário. E assenta bem à sua feminilidade a simplicidade e o tom smorzando de suas confissões:

" Eu sabia que virias.

Tudo me falou de ti antes mesmo

que eu soubesse como serias ... "

E a conclusão:

"Sem que eu soubesse compreender

ou resistir, chegaste onde sempre estiveste.

Tomaste corpo e forma, tu

que sempre exististe,

e te apossaste de mim que já era tua,

que sempre fui tua

desde os dias sem fim à tua espera ... "

Desde o primeiro deslumbramento diante das coisas, que o homem tem tentado definir a poesia. Para que? Que é o fogo? E a água? E o ar? E o azul do céu? E uma flor? E um pássaro?

E para que chamar a ciência e as palavras em socorro do que nunca poderá satisfazer aquela misteriosa emoção que dá à vida dimensões desconhecidas, e ao homem, urna estranha profundidade em si mesmo?

Gosto realmente de muitos dos seus poemas. Citarei alguns: "Acalanto", "Lá de fora ...", "Marinheiro", "Espera", "Confissão", "Tão pouco ..." "A onda ...", "Brincando de vida", "Pergunta às tuas mãos ... ", "O hoje ..."

Preferia que você não tivesse incluído alguns trabalhos no livro. Sei lá!

Isto de gosto é relativo. Mas já que você me pediu opinião, quero ser sincero. Não se preocupe, entretanto. Os seus leitores compreenderão que é assim mesmo, os primeiros degraus começam do chão.

O fundamental é que você ame, sofra, viva, - é que você viva e sinta principalmente a necessidade insopitável de dizer, de chorar, de cantar em palavras, em palavras que traduzem e aliviam, como a chuva esvazia a nuvem e aclara os céus.

Esta "Onda" por exemplo, me envolveu em seu ritmo, em sua linguagem poética:

"No mar tão grande

um barco enorme, escuro ...

Bate a onda no casco duro

e volta, lá tão de longe

pra se derramar

na minha praia ...

Pra vir jogar
na mesma areia
onde me deito, solitária,
tua lembrança,
maior que o barco
maior que o mar
que nos separa ... "

Verdadeiramente não há nada de novo sob o sol. O novo, é apenas aquele ângulo pessoal da beleza, em que o artista às vezes se coloca. Daí o sabor de novidade destes versos:

" .. nas tuas mãos de garoto
que se quebra
para ver o que há dentro?
Não importa ... Vem!
Profana meu jazigo,
ressuscita-me, que eu vivo
enquanto brincas de vida comigo ...

É um achado feliz do seu lirismo este verso:

"eu vivo ... enquanto brincas de vida comigo ..."

Só este verso justificaria a publicação de seu livro. Mas há outros.

A certeza da insatisfação, a eterna insegurança do conseguido, impregnaram de amarga filosofia este belo poemeto;

"Eu sou o hoje que passa.

O ontem que fui, já nem sei mais ...

Cada dia me mudo

para outra que pensa, que sente,

que sonha, como ontem,

e diferente de amanhã".

Estes versos, Dirce, me deram a convicção de que você, antes de ser Assis, é Araujo Jorge. Há de viver a inquietação que trazemos no sangue.

Que viva!

E que a transforme em poesia para libertar-se, se esse é o seu destino.

J. G. de Araujo Jorge – 1961



(Prefácio de J. G. de Araujo Jorge do livro

"Enquanto não chegas..." Dirce Araujo Jorge de Assis ou Dirce de Assis Cavalcanti, conhecida como DAJA, é filha de Maria Antonieta de Araujo Jorge e Dilermando de Assis)



J. G. de Araujo Jorge

O Poeta Fala. (J.G. de Araujo Jorge)

- Prefácio do livro "**Concerto a 4 mãos**", 1959.

ESTE LIVRO TEM UMA HISTÓRIA

Foi no mês de Outubro de 1955 que recebi no meio à minha correspondência, um punhado de belos poemas, mandados de Portugal.

Os poemas vinham datados de 20 de Setembro, e assinava-os um pseudônimo: "**Musa Triste**".

No verso do envelope um curioso endereço: "Chalet Althair, Monte Estoril, Lisboa." "Quem será "Musa Triste? ", pensei. E escrevi e publiquei na ocasião, uma pequena crônica para assinalar o fato. Transcrevo-a, porque faz parte da história, e posso considerá-la mesmo como o seu primeiro capítulo. Ei-la.:

QUEM SERÁ A "MUSA TRISTE" ?

Algumas das maiores alegrias de minha vida como escritor tem sido as cartas que recebo de leitores distantes, até onde chegou a mensagem de meus versos. São cartas, na sua maioria de moças, de moças de todas as idades, em cuja alma, a vida ainda não conseguiu pisar a beleza e o sonho.

Recentemente respondia uma delas:

"Como um pombo correio de asas cansadas depois de longa viagem tua carta singela pousou em minha mesa...

Respondo à tua mensagem...

Que estes versos possam chegar a tua janela

Como um canto de pássaro em uma manhã de sol

E de beleza..."

E como pombos correios, as cartas chegam todas as manhãs, e eu tomo nas mãos, na expectativa do que encerram, sentindo-as palpitar em suas emoções.

E algumas são tristes. (Aquela do presidiário, por exemplo, para quem, alguns dos momentos felizes, era espiar a vida do lado de fora pelos meus poemas. A que recebi de um doente do mal de Hansen, pedindo-me inclusive, livros para o Leprosário. A que recebi de uma Associação de cegos, insistindo para que continuasse com o programa que mantive na Rádio Eldorado durante alguns anos: "Encontro com a Poesia.") Quase todas as manhãs, encontro sobre a minha mesa duas ou três cartas. E confesso que o dia já me parece diferente se acaso fica em branco, se elas não chegam. Nesses dias releio às vezes as que falaram mais perto ao meu espírito e ao meu coração. Aquela, por exemplo, de um companheiro negro, da África Ocidental Portuguesa até onde chegou um exemplar do meu "Estrela da Terra". Minha resposta, se encontra mesmo no "Harpa Submersa":

"Um irmão de Luanda, um irmão negro me manda uma mensagem de paz e me aperta ao seu coração, emocionado, e me agradece o que julgou ter encontrado naquela "estrela da terra"..."

Releio a carta, e um calor me aquece o coração com esta palavra que vem de longe e me toca como o sol, que fala acima de fronteiras e desconhece oceanos - como a visita pródiga e inesperada de um irmão extraviado que voltou...

E releio então outras cartas, -- revoada imprevista que o meu canto acordou e que justificam minha poesia além dos lábios, minha poesia nos livros como flores, que não sei se o tempo despentalará...

A do prisioneiro político de Fernando de Noronha, a que veio do Leprosário, a que chegou da cadeia Municipal de Juiz de Fora, a do poeta de Montevideo, e as moças de Taubaté e Erechim, para quem sou maior que Guilherme de Almeida e Alceu Wamosy."

A alegria destes encontros ao acaso, com almas e espíritos que capitaram o esperanto de minha poesia, é como a de alguém que em um país estranho, ouve um conterrâneo falar a sua língua, recordar a sua paisagem, identificar nas lembranças de amor os mesmos seres e coisas.

"Musa Triste" foi meu último encontro. Hoje sei, pela revoada de poemas que me mandou, que se trata de uma grande poetisa portuguesa. Mas persiste em se esconder no pseudônimo.

Não posso dilatar os limites desta crônica. Vou citar entretanto um dos seus poemas. Trata-se de uma resposta ao poemeto "Sobre a Alegria" que se encontra no meu livro "AMO!":

SOBRE A ALEGRIA

(Maria Helena)

(Deliciosa ironia!

Acaso alguma vez também já te espantaste quando triste?

Pois bem, minha alegria é às vezes uma exótica maneira de ser triste!

E o poemeto de "Musa Triste que acompanhou, com outros, a sua carta.

Irmão que vives para além do mar
afastado de mim por tantos nós;
que tens na alma a alma do luar
e nas veias o sangue dos cipós;
irmão que segue de olhos deslumbrados
e não vês rosas sem poder colhe-las,
e trazes nos cabelos desmanchados
a carícia noturna das estrelas;
tu, que tens os sentidos bem despertos
e uma chama a pulsar no coração
e enches todo o silêncio dos desertos
com o grito escaldante do sertão;
tu, que te levas por caminhos sábios
e que não andas pelo mundo à toa
e mataste a secura de teus lábios

beijando os lábios frescos da garoa;
tu, que não te naufragas em cansaços
nem receias surpresas na viagem
e tens no ritmo aéreo dos teu passos
a musical cadência da folhagem;
tu, que sonhas à margem dos escombros
e dos loucos vazios de ideal
e que apenas suportas nos teus ombros
o peso da loucura tropical,
irmão: se mesmo quando a dor te assiste
abres na boca o riso de uma aurora,
já que eu só sei chorar quando estou triste
vem-me ensinar a rir quando se chora!

Não é uma beleza? Quando se pode, com a poesia, inspirar tais versos, então se corre o risco de se pensar que, realmente, está justificado o nosso destino.

O Poeta Fala: Sobre a correspondência trocada entre ele e a poetisa portuguesa Maria Helena, que se ocultava atrás do pseudônimo "Musa Triste" deu dois livros:

Concerto a 4 mãos (1959) e De mãos dadas (1961).

A PRIMEIRA CARTA

"Musa Triste" se servia de meus versos para inspirar-se tomando-os, às vezes, como motes, e cada um dos seus trabalhos era uma espécie de resposta ou glosa, aos meus poemas. Na sua primeira remessa ela respondia a "Ideal de amor", "Sobre a Alegria" e "Eu te queria tão diferente", poesia do livro "AMO !"

Agradecendo-lhe o interesse pela minha obra, mandei-lhe exemplares de outros livros. Ela escreveu-me então a sua primeira carta. Aqui a transcrevo para que os leitores acompanhem mais um capítulo da história:

Lisboa, 28/12/1955

J.G de Araújo Jorge.

A sua carta chegou quando eu há muito julgava os meus poemas dormindo um sono de eternidade em qualquer cesto de papéis... E tinha pena, acredita? Se os que voam à mesma altura (embora sejam diversas as dimensões das asas) se não encontram, como suportar a imposição duma Vida a extravasar de apelos sem resposta e de acenos desencontrados? Os seus versos tinham-me falado alto num mundo de imposto silencio e de harpas irremediavelmente submersas, e o quase nada que ainda me restava de intacto, veio à tona e rimou.

Nem sei depois o que me levou a mandar-lhe aqueles mal alinhavados versos. Talvez o intenso desejo de não viver sozinha num país que os outros chamam Loucura e nós, Sonho...

Talvez o desejo intenso de conhecer a opinião de "alguém" que não sabe quem sou. A Vida e os homens e as injustiças e as renúncias e as incompreensões tornaram-me desconfiada até à descrença.

A tudo quanto me tem dito e sobre mim tem escrito, acrescento sempre a dolorosa parcela da dúvida: até que ponto leva a gentileza de uns e a pouca sinceridade de outros?

A Verdade. A Verdade integral, despida das roupagens da simpatia pessoal ou da contemporização, aonde está ? Por motivos muito íntimos, convenci-me até ao absurdo da minha incapacidade intelectual.

Hoje, já liberta do ergástulo, ressinto-me na raiz da sujeição das folhas. E não creio que isto seja uma atitude literária. Infelizmente para mim é tão verdadeira como a verdade da luz. Quando acabo de escrever - quase normal a temperatura elevada no meu criador - fico-me a olhar sem saber o que ele vale ou o que não vale. Porque a desconfiança se apossou de mim, não consigo fazer uma autocrítica. E até encontrar alguém que me esclareça, é o sofrimento da incerteza, a luta entre a fé e a desesperança, o ímpeto de continuar a viagem e o medo de ultrapassar a curva da estrada...

Foi por isto que lhe mandei os meus versos. Não me conhece, não sabe o meu nome, não tem para comigo obrigações de louvar ou de amabilidade: pode ser sincero até à dureza sem temer as consequências da ousadia.

E como V. tem as janelas abertas e eu desejo saber a sua opinião, mando-lhe mais alguns versos. Não se admire de encontrar no mesmo rosto olhos cheios de lágrimas e de êxtases e, por vezes, duma inexplicável fé. Não sou volúvel, sou permeável ao deslumbramento do mistério esclarecido na flor aberta e do enigma fechado no silêncio das raízes.

Compreende? Houve há dias um crítico que, referindo-se ao meu último livro, me definiu com uma verdade pasmosa: "O grande drama de "X" consiste no fundo antagonismo que se verifica entre a sua posição irremediável de cristã e a sua natureza também irremediavelmente pagã".

E desta luta sem vitórias absolutas nem derrotas definitivas, nasce, de fato, o grande desencontro dos meus passos. De alma vivida num amálgama de sentimentos opostos, não consigo libertar-me nem do sonho das asas nem da realidade do chão. E quando o que em mim resta de essência divina me afirma que "non sum dignus" logo a minha humanidade exige mais calar ao Sol, e a maré mais alta e mais vermelho, o sangue.

Já vê que no meio deste caos, não é difícil perder o equilíbrio. Se não achar esta conversa "transoceânica" aborrecida para si, mande-me os seus versos. Lembro-me de que um dia escrevi um poema que principiava assim:

"Quando alguém me diz versos, faz luar..."

E se V. soubesse até que infinito vai a minha noite sem Lua!

Quer-me parecer que usei e abusei da sua paciência e sobre tudo da deselegância de me tornar sujeito de tão monótona oração. Perdoe.

Há quem tal tentação da morfina, outros, ao entusiasmo do football e alguns à certeza reconfortante dum cheque com cobertura: eu sufoco dentro da solidão que me limita. Taras congênicas, como vê...

O POETA FALA II: (DUAS PALAVRAS Prefácio da 4a edição)

Este foi o meu segundo livro publicado. O primeiro foi "**Meu Céu Interior**", coletânea de poemas, alguns escritos quando ainda era aluno do Colégio Pedro II.

"**Bazar de Ritmos**" veio logo a seguir, lançado pelo "Boletim de Ariel", e composto pelos Irmãos Pongetti. Lembro-me que na ocasião em que esse livro era editado, Vinícius de Moraes tinha no Pongetti, também em composição, o seu primeiro livro: "**Forma e Exegese**".

A publicação desta 4.1 edição, vem provar que este "bazar" onde há "notas perdidas de violinos, pardais, pandeiros e cigarras, continua a ter frequentadores.

Livro que marca uma etapa de minha adolescência, fase de transição, época do jornal e do bar, do Amarelinho e da Lapa, da leitura dos poetas românticos e dos filósofos pessimistas, mas onde também ensaiei os primeiros passos com a minha vida mesmo, vivida ao jeito da idade, com ardências e entusiasmos de que me orgulho até hoje. Retrato antigo, um pouco "amarelada" talvez.

Mas, que hei de fazer? - meu retrato.

A verdade é que muitos dos poemas desse livro têm merecido a atenção da crítica e dos leitores.

A revista "INTERCÂMBIO" editada há muitos anos pela Pro-Arte, movimento cultural e artístico que visa aproximar brasileiros e alemães, verteu para o idioma de Goethe dois dos poemas deste livro: **O ACORDAR DA CIDADE**, publicado em seu número 175, de 1955, e **GÔTAS**, publicado no número de dezembro de 1938.

A título de curiosidade, aqui vão os dois poemas transpostos com extraordinária habilidade técnica e rítmica, para o alemão pela tradutora que se assina apenas - Tómas. (O número de "Intercâmbio", de Janeiro de 1951 publica interessante carta de Mário de Andrade , destacando as "excelentes" transposições feitas para o alemão, pela escritora Tómas.)

TROPFEN... (GOTAS)

AN EINES BLATTES SPITZE HANGT EIN TROPFEN.

UNSCHLUSSIG WACHST ER, RUND UND WINZINO KLEIN,

DURCHSICHTIG, WIE KRISTALL SO REIN

GLEICH EINEM KLEIEN SCHREIN FOR

SONNENSTRAHLEN.

PLÖTZLICH,

EIN LEISER WIND BEWEGT DAS BLATT,

ZITTERN ER MATT,

FALLT...

UND DER KLINE TROPFEN AUF LOCKERER ERDE,

ER SCHWINDET,

UND ES ZERBRICHT DER SCHREIN AUS KRISTALL;

[UND INS ALL

INS FREIE FROH DER SONNENSTRAHL ZIEHT...

ENTELIEHT...

EIN ANDERES TROPFCHEN KENN ICIH DANEBEN.- DAS LEBEN...

Gotas

Na ponta de uma folha há uma gota indecisa,
vai crescendo, redonda, pequenina,
límpida e cristalina
como o esquite de um raio de luz...

De repente
a aragem tênue que passou
tremulou,
caiu...
E a gota pequenina sobre a terra fofa
desapareceu,
e o esquite de cristal partiu-se, e pelo espaço
livre, o raio de luz ressuscitou...
fugiu...
Eu conheço outra gota parecida:
- a vida...

DAS ERWACHEN DER STADT!...(O ACORDAR DA CIDADE!..)

DAS MORGENROT BRACH AN WIE MIT
HURRAH-GESCHREI..
UND IN DES HORIZONTES NACHTLICHDUNKLENE
SCHATTENRINGEN
SCHLUG DANN DER JUNGE TAG DIE ANGFN AUF.
DIE SONNE SCHRIE MIT TAUSEND SCHARPEN
STRAHLEN
UND SCHRECKTE DIE BETRUNKENEN, LIDERLICHEN
STERNE,
DIE NOCH IM BLAU VERLOREN,UNSTET IRRTEN...
DIE BERGESKETTEN SCHÖPFTEN LUFT
UND MIT GEFÜLLTEN LUNGEN UND GESPANNTER
BRUST
ZERSPRENGTEN SIE MIT DER WOLKEN
SCHLEIER
DIE ERDE LACHELTE VOR GLÜCK - UND PUTZTE
DIE WEISSEN ZAHNE IHRES ENDLOS LANGEN
STRANDES
MIT FRISCHEM SCHAUM UND ZAHNPUTZSTEINEN AUS
DEN

WELLEN...
UND SCHLISSLICH SCHÜTTETE DER TAG
VOLLKOMMEN NACKT AM FERNEN HORIZONT,
DEN SONNENEIMER, VOLLGEFÜLLT MIT LICHT
HINUNTER AUF DIE ERDE,
UND ERWECKTE
DIE STADT MIT IHREM ÜBEREIFER UND GESCHREI.
DIE STADT SCHLUG IHRE AUGEN AUF AUS
STAHLGARDINEN
UND GARNTTE MIT DEM PFEIFEN DER FABRIKEN IN
DIE WEITE
DANN RECKTE SIE SICH,
UND STRECKTE SIE SICK
UND HOB DIE LANGEN WOLKENKRATZERARME IN DIE
HÖH!...

O ACORDAR DA CIDADE!...

A aurora despontou berrante como um hurra !
Nas olheiras noturnas do horizonte
o dia abriu os olhos...

E o sol gritou mil raios estridentes
e assustou as estrelas boêmias
e embriagadas
que ainda ficavam pelo azul perdidas

As montanhas respiram,
e enchendo os pulmões
arrebentaram nos peitos fortes as vestes das nuvens

A terra sorriu feliz - e a dentadura branca das areias
das suas praias sem fim
foi lavar com a espuma fresca e dentifrícia das ondas

Enfim, completamente nu sobre o horizonte,
o dia jogou o balde do sol cheio de luz
sobre a terra,
e acordou a alma da cidade
em suas algazarras e escarcéus...

E a cidade abriu as pálpebras das cortinas de aço,
bocejou com o apito das fábricas no espaço
- se espreguiçou -
e então se levantou
erguendo os braços longos dos arranha-céus!...

Aliás, neste livro onde se encontram alguns poemas (que considero inteiramente superados no seu duplo aspecto - formal e essencial - de acordo com a minha experiência estética e o meu conceito atual de poesia) - **há uns poucos, ainda hoje de minha preferência:**

"Filosofando" , "Gotas", "Tuas mãos", "Sonhadores", "Se", "Quando", e alguns mais, que considero momentos felizes da minha criação.

Não sei se os leitores pensarão comigo, (e, nem sempre o pensamento do autor e dos leitores coincide) mas se tivesse que escolher poemas para uma seleção, estes seriam incluídos.

Aqui está, pois, O **"BAZAR"** com a sua festa de emoções. Que esta nova edição amplie os limites de sua mensagem - e que suas palavras - aquelas sem idade - continuem a cantar e encontrem antenas e ressonâncias.

O POETA FALA I

(Comentário de J.G. de Araújo Jorge na 7a edição de "Bazar de Ritmos")

Este livro vem crescendo de alguns poemas (desde a 5.a edição) encontrados posteriormente em pastas e gavetas, Poemas da mesma época, e que se integram, portanto, perfeitamente, ao espírito do livro. A partir desta edição, acrescentei mais um soneto, "Silenciosamente", que permanecia fora de minha obra e se encontrava numa antiga revista já desaparecida. ("Aspectos", 1939)

[Silenciosamente](#) (letra: J. G. de Araújo Jorte – música: Rocha) – arranjo e interpretação: Gabriel.

Seguimos assim, juntos, felizes,
Juntos, felizes, pela vida a fora...
- Tu, no silêncio em que mais coisas dizes!
- Eu, no silêncio em que me encontro agora!

Meu passo há de seguir por onde pises!
E a tua mão, que em minha mão demora,
há de, com o tempo, até criar raízes,
unindo vida a vida, hora por hora...
Seguiremos assim, como bem poucos,
bendizendo na nossa trajetória
os que souberam como nós ser loucos...

Loucos de amor, ébrios de amor - seguindo
para um mundo de sonhos, para a glória
do silêncio que vamos repartindo!

Poderia dizer que este livro marca o meu primeiro encontro com a Vida. Se "Meu céu interior" é mais sonho, impressão imaginativa e romântica das coisas, o romantismo de "Bazar de Ritmos" lança as suas primeiras raízes no chão, colhe impressões marcadas de terra pelo caminho dos sentidos.

É o livro que fixa esse período de transição entre a juventude e a mocidade plena, sua filosofia, seus problemas, seus arroubos, seus resíduos de ingenuidade.

O "literário" está presente nele, de forma evidente, porque a vida apenas se insinua, embaçando com seu calor autêntico esse ou aquele poema.

É, entretanto, um livro muito mais de adolescência, - daí esse sentimento de amor, inquieto e deslumbrado, que o percorre todo, e que hoje ainda me perturba e emociona quando o reencontro.

Agita-se aqui uma alma diante do inédito, em pleno madrugada. A juventude é uma idade difícil ingrata, em que os conflitos se acumulam sem solução, e se resolvem por explosões íntimas que tantas vezes nos ferem e marcam para sempre.

Este livro é um sismógrafo que guardou todos os seus abalos, não em gráficos, mas em versos.

Relendo suas provas para novas edições estremeço ainda à lembrança dessas emoções, relampejando como distantes "calmarias" E me sinto, às vezes, como um pai complacente, experiente e livre revendo num filho jovem, as velhas emoções que um dia foram suas.

Sim, gosto deste livro, como de um filho em quem vemos reproduzidas, na inquietação da sua idade, as nossas melhores qualidades e os nossos mais perdoáveis defeitos.

Afinal, que são os livros, senão filhos singulares que não crescer conosco, e que ficam guardando as impressões do que um dia já fomos? São "arquivos" de nós mesmos, "eus" que vamos deixando pelo caminho, a viverem de palavras, como fantasmas em nossas lembranças.

Ao rele-los, encontramos-nos com as velhas fotografias, e custa-nos acreditar que aquele já tivesse sido o nosso rosto, e aquelas, as nossas feições.

Mas, não há dúvida' que somos nós: basta olhar nos olhos..

Comentário sobre o livro AMO ! (10a edição)

É certamente o mais belo livro de poesias de amor da moderna poesia brasileira. E, seu autor é, há alguns anos, o poeta de maior público do Brasil. Raros livros atingem uma décima edição em nosso país, principalmente se soubermos que nos referimos à edição de 10 mil exemplares.

O interessante é observarmos que esta é uma das razões porque certas rodinhas que se arvoram pretensamente em cúpulas literárias, procuram sabotar a poesia de Araújo Jorge.

Para eles, escritor que se lê não tem mérito. Como se o grande juiz, em todos os tempos, não fosse o leitor, o povo. Quantas vezes a crítica negou, diante do povo, e o tempo veio confirmar que " a voz do povo é a voz de Deus"

Seria um contrassenso afirmar que se poderia mistificar durante tanto tempo um número cada vez maior de leitores. Seus últimos livros, ("A Sós. . ." "Espera. . ." apesar de não figurarem oficialmente nas listas de "best-sellers" feitas à base de interesses de editores; e de noticiaristas) foram os livros de poesia mais vendidos no, Brasil.

Poeta lírico de alta sensibilidade, com uma poesia comunicativa e autêntica, J. G. de Araújo Jorge é, não apenas o poeta cujos livros se multiplicam em sucessivas edições, mas o que tem sua poesia difundida pelos programas radiofônicos de todo o país, reproduzida nos cadernos de poesia dos

moços, declamada e decorada, e que, por isto mesmo, merece o título de **"poeta do povo e da mocidade"**.

Se sua poesia, - a mais forte e profunda mensagem lírica de nossos dias, não é poesia, os "críticos", terão que rebatizar o gênero literário de que se utiliza e que tão larga aceitação encontra.

J.G. de Araujo Jorge, como ele próprio o diz, é um poeta que escreve como anda, como respira, como fala,. A poesia é para ele uma necessidade essencial e funcional de seu espírito. Não posa de poeta.

Sua grande inspiradora é a vida. E como se considera um homem comum, sua poesia interessa a todos. AMO é o mais belo cancionário de amor de nossa poesia viva. Como afirma seu autor: "o povo dá a mão a minha poesia e faz ciranda na rua". Vamos continuar cantando, portanto, com o grande poeta .

O Poeta Fala. (J.G. de Araujo Jorge)

- **Artigo publicado na seção "VIDA LITERÁRIA", de Otto Scheneider.**

("VIDA DOMÉSTICA", agosto de 1956.)

"O fato de ser compreendido com a minha poesia lírica e social, é para mim a minha maior glória. Isto de dizerem que a poesia que se vende é de qualidade inferior é mágoa. Olavo Bilac, Raul de Leoni, Augusto dos Anjos, Castro Alves se vendem. Bandeira também se vende."

"Trabalho em publicidade e conheço o poder da publicidade. Posso garantir que não tenho "agencia" para vender meus livros. Eles se vendem por si mesmos."

"Sou um homem sem profissão, "de 7 instrumentos", por força das circunstâncias. Tanto escrevo anúncios, crio "Isto faz um bem !" para vender xaropes e enriquecer os outros, como dou aulas de História, ou componho um poema. Fora da Poesia, a política seria o meu rumo.Tenho cá na cachola algumas ideias que gostaria de realizar a favor da coletividade. Certos problemas brasileiros, econômicos e administrativos, há anos me apaixonam e, infelizmente, não tenho tribuna e meios para debatê-los e concretizá-los."

"Estou cada vez mais convencido de que a liberdade tem sido uma palavra há milênios desfraldada sobre a miséria da maioria, e há três séculos manejada pela burguesia em seu proveito. Por isso acho que ser livre é não ter fome, não ter medo da vida, não viver ao desamparo, ter direito à terra, à educação, à saúde, ao trabalho, a viver com o mínimo necessário para que não seja apenas um animal explorado pelo dinheiro." **"E o resto é silêncio..."**

CAMINHOS PARA A SOLIDÃO

A verdade é que à proporção que vivemos, vamo-nos sentindo mais sós, como uma ilha cercada de gente por todos os lados. Não a solidão dos cosmonautas, povoada de silêncios e de estrelas.

Mas a solidão de um carnavalesco, cantando para não chorar, para se esquecer que está sozinho. **"Por certo a pior solidão/ é aquela que a gente sente/ sem ninguém no coração,/ no meio de muita gente."**

Gente tão perto de nós, com quem se esbarra na rua, que se atropela na corrida para apanhar a condução, que se acotovela nos ônibus, nos trens; gente tão próxima, mas na realidade, cada vez mais distante.

Gente que não existe. Ou por outra, que existe como multidão, anônima, fora de nossas realidades, apenas vago e fantástico cenário. Sociólogos, psicólogos, têm procurado estudar o grau de desumanização do homem e da vida nas grandes cidades. Urbanistas e arquitetos projetam concepções salvadoras para esse pobre homem criado num caos.

Que restará do homem que havia dentro de nós? Veja-se a indiferença com que encontramos pedintes miseráveis, crianças abandonadas, criaturas doentes, e seguimos tranquilos para a nossa sessão de cinema.

Sua dor não nos toca; seus problemas não nos preocupam; fazem parte de todo um complexo mundo, em que vamos vivendo, despercebidos de nossa desumanidade. E a nos dizermos cristãos.

O remorso ficou no poema:

".Às vezes me envergonho
de alguma ajuda recebida,
quando sei que há tantos homens mais necessitados
sem um gesto de apoio ou de acolhida.

Me envergonho de gozar meu reduzido conforto,
quando sei que há tantos homens inteiramente
desabafados, sem destino nem porto.

Me envergonho de meu egoísmo a se chamar de
altruísmo, quando dou uma esmola
e contínuo para a minha seção de cinema."

Bem diz a amarga letra da canção:

"Ninguém é de ninguém"

Não temos tempo para os contatos cordiais, para cultivar a amizade, para trocar ideias em torno da mesa de um bar, ou de um café. Inventaram uma profissão " relações públicas", mas para se ganhar mais dinheiro. É diferente.

Os cafés que tinham mesas, os antigos cafés que eram como salas de espera de populares academias literárias, há muito desapareceram.

Os próprios bares já se transformaram. E não só o cafezinho, ou a laranjada, tudo é tomado às carreiras, de pé, sem oportunidade para uma pausa amistosa, sem esse calor humano que faz do homem um ser integrado em sua coletividade.

Vivemos nas grandes cidades a pior de todas as províncias, cada um com a sua pequena "linha-circular." Passamos, diariamente, a carbono, a nossa vidinha.

Acordamos à mesma hora, apanhamos a mesma condução, encontramos as mesmas pessoas, trabalhamos com os mesmos colegas e companheiros. Conhecemos as caras dos cabineiros, motoristas garçons, jornaleiros.

São os habitantes da nossa "província cotidiana", mas, no fundo, nada ou pouco representam. São apenas acidentes do nosso itinerário, e a eles não nos prendem laços mais profundos que cumprimentos convencionais ou comentários supérfluos.

O "cafezinho" - essa expressão que encerra, no fundo, uma indisfarçável ternura do brasileiro por alguns efêmeros minutos de convívio humano, - é o último refúgio de sua inevitável desumanização.

Saturado de trabalho, de tédio, ou da vida, da repartição ou do escritório ele tenta a escapada:

"Vamos tomar um cafezinho?"

Mesmo em pé, comprando ficha, sem poder sentar-se, ele se refaz um pouco. Tenta lembrar-se de si mesmo, dos outros. É o seu segundo de higiene mental, seu resto de sociabilidade.

A oportunidade para um "papo" com o amigo eventual, ou com o conhecido. Para olhar as belezas que passam tão perto dos olhos, e tão longe... Para rir-se um pouco. Ouvir, ou contar a última anedota. Para sentir-se, durante uns poucos momentos, uma pessoa humana.

As grandes cidades vão asfixiando o homem, como um imenso polvo em seus tentáculos de concreto e de asfalto. Homem de infância no interior, o Rio (de Janeiro) às vezes me angustia, me oprime. Quase diria: me amedronta. Sinto necessidade de fuga.

Mas, para onde? Fuga, não só ao ar cinzento, aos ruídos, letreiros luminosos, mas, principalmente à multidão indiferente que escacha ao redor, atordoante e estranha.

Que não sabe que existimos não se interessa por nosso destino, não participa de nossas emoções; tão ao nosso lado, mas da qual nos mantemos capilarmente isolados.

Li, não me lembro quando, que um arquiteto suíço, Honeger, tendo construído um bairro, numa cidade africana, para tribos pouco civilizadas, projetou-o com todas as comodidades modernas inclusive água encanada.

Para sua surpresa, quando expôs seu plano, as mulheres não gostaram. Preferiam suas antigas choças, mesmo sem tanto conforto, e sem água encanada. Preferiam continuar indo à fonte de águas límpidas, onde enchiam seus vasilhames de barro, ou suas latas.

Era justamente nesses momentos que elas esqueciam um pouco o trabalho de casa, perdiam tempo conversando, tagarelando, e se sentiam humanas, deixando de lado problemas e preocupações.

Era, digamos assim, para aquelas humildes criaturas, a sua vida social.

A civilização atual vai tirando ao homem todas as oportunidades de poder perder tempo. O homem vai se esquecendo de que, o que ele perde em tempo, ganha em vida.

Esses que não têm tempo a perder, são justamente aqueles que perderão a vida num passo adiante. Os homens se esqueceram de que não são máquinas, de que o coração não é um dínamo, de que os nervos e o espírito não possuem a estrutura ou a resistência do aço.

Já que somos uma ilha cercada de gente por todos os lados, vamos lançar, ao menos, vez por outra uma ponte para o grande continente da convivência e da solidariedade humanas.

A solidão dos homens normais é aquela que não prescinde das alegrias da amizade, da companhia do amor. Oh, a inveja que sinto, hoje, dos moradores das pequenas cidades. Os que ainda têm tempo para se sentar nos bancos das praças, nas mesas dos cafés, olhar as belezas que passam, discutir política, "salvar" o mundo dos outros, porque o seu está seguro.

Os que se visitam e são visitados. Os que ainda podem ter uma província verdadeira, mesmo violentada pela televisão, mas sem a subversão do tempo.

Os que ainda têm tempo para ler livros, ouvir música, olhar o céu, admirar a paisagem.

Os que ainda têm tempo para amar a paisagem e os seres e - oh, suprema ironia! - até para se lastimarem da vida monótona de sua cidadezinha, o seu Paraíso impercebido.



J. G. de Araujo Jorge

Curiosidades

Prefácio da 1ª e 2ª Edições de "Meu Céu Interior"

"Meu Céu Interior 1ª edição"

(Um belo trabalho do crítico literário Carlos de Povina Cavalcanti)

UM POETA

José Guilherme de Araújo Jorge. 19 anos de idade. Tez pálida.

Fronte larga. Olhar inquieto. Movimentos nervosos. Ar de abstração e de sonho. Com essa ficha, o adolescente autor deste livro seria identificado em qualquer porto literário, aonde os bons ventos da imaginação o levassem, velejando com a alma da poesia.

Tudo nele denota o temperamento do nome subjetivo, que procura um interesse oculto da realidade e vai surpreendê-lo, com as antenas do sexto sentido, nos encantos e nas seduções imateriais da beleza.

Não temo apresentá-lo: eis aqui um poeta. A poesia, a velha ou a novíssima poesia, é uma só.

As escolas são as ramagens de um tronco secular. Frondejam na primavera, mas vem o outono e a árvore se despe das folhas xantofiladas.

Apenas, na memória dos que pousaram à sombra da árvore e ouviram a música dos ninhos, fica indelével a impressão de remanso e de harmonia, que é o embalo do sonho.

Se mais verdes ou mais belas as frondes; se mais numerosos ou mais afinados os pássaros cantores, não importa nada. Às vezes a seiva circulante não tem força para criar as novas roupagens da primavera. A atividade recôndita das raízes parece fatigar-se e exaurir-se.

Mas, lá um dia, como se o chão fosse revolvido e o húmus da terra renovado, o tronco reanima-se num esplendor de folhas, de flores e de frutos.

O milagre é da seiva. Sabe-se que existe. O trabalho bioquímico, porém, é invisível. Assim imponderável, inefável, como o queria o abade Bremond, a poesia é mistério. Está em todas as cousas. Tem a idade do mundo e não envelhece. O seu clima é universal; pertence a todas as latitudes.

Aqui está sem dúvida um poeta. Alma sensível, coração encordado para as vibrações do sentimento, Araújo Jorge é um romântico e um lírico da família dos cantores apaixonados.

Na hora das inovações estéticas quando certos homens maduros andam a pintar os cabelos às suas musas, na ânsia de remoçarem, fingindo de novos com o emprego de artifícios, este menino aparece, como um irmão mais chegado do mais velho poeta sentimental.

Espontânea, natural, emotiva, a sua poesia adolescente é cheia de turbulência e de volubilidade.

A imaginação andou por aqui semeando conflitos, cantando madrigais, desarvorando destinos.

Muitas vidas integradas numa vida, eis o tema perene deste livro de que é motivo essencial o amor.

Como num depósito, certa porção de líquido a purificar pode ter várias procedências, mas todo ele sofre um único processo de filtração, as vidas filtradas pela poesia de Araújo Jorge são transparentes de sentimentalismo e ternura, os dois polos de sua imaginação.

*Explica-se, assim que tenha escrito, por exemplo, "**Tarde Demais!**", um poema de desengano e amargor, figurado num remoto futuro:*

"Quantos anos, meu Deus!... é esquisita essa vida...

*Depois que a nossa estrada em duas foi partida,
em uma, novamente, agora as quis juntar...*

*Mais de nada serviu... De que serviu no vermos
se o presente tornou os nossos sonhos ermos,
se não podes me amar!... se não posso te amar!..."*

A poesia permite essas liberdades. Aliás, ele próprio adverte:

" Não procures um poeta compreender!"

Compreender, para que?

Andam desavisados os censores, que existem novos processos rítmicos, para dentro deles se exprimir o espírito moderno, como condição essencial da poesia.

Ainda é possível, - e sê-lo-á sempre – impregnar de poesia, da mais alta, da mais pura, da mais bela poesia, um soneto rigorosamente metrificado.

Não examino a técnica da poesia de Araújo Jorge. Observo, entretanto, que esse poeta menino, tem uma simplicidade tão grande, que o artista nele é espontâneo, fácil, harmonioso.

A perfeição constituirá, mais tarde, o inacessível escopo de sua arte. E será uma fonte de estímulos crescentes para a sua ascensão.

Por agora, o poeta estreante, dá liberdade aos sonhos, que se encasulam no peito, contente de vê-los em revoada, numa ciranda de festas emocional.

Imagino que ele próprio se surpreende com a materialização dos, sentimentos, que fazem a trama de seus conflitos interiores, ingênuos, românticos, efêmeros.

A vida ainda não lhe deu as amargas experiências de que é cheia.

O que ele sente não chega a ser realidade. É a impressão misteriosa daquele sexto sentido próprio dos homens de imaginação e sensibilidade: a ressonância dos sofrimentos humanos, que cada um de nós abafa no mais íntimo do ser e se espiritualiza na poesia. Todas as ânsias, todos os pesares, todas as angústias dos poetas amorosos tem a realidade do marulho das ondas no espiral da maré profunda, mas, na verdade, é apenas uma ilusão. Está lá dentro a voz do mar exata e auditiva.

Na família dos poetas amorosos, é hereditário o sofrimento pela imaginação. Este não fugiu à regra. Será mais estimado pelos que tenham realmente sofrido...

Não pretendo apontar um poema característico da feição estética do livro. Todavia, ressalvo a naturalidade e a graça, com que Araújo Jorge faz as suas confissões amorosas. Acho-o aí, tão à vontade, que me dá a impressão de um livro de Pierre Ronsard, meigo e lírico, acendendo paixões e consagrando-lhes versos.

*"Qu' alors que lhe vieil age
aurora comme un sorcier changé votre visage.
Et lors que vos cheveux deviendront argentés,
Et que vos yeux aurez, si quelque soin vous touche
En l'esprit mes écrits, mon nom sur votre bouche"*

*"Quando o tempo branquear os teus cabelos
hás de um dia , mais tarde, revivê-los,
nas lembranças que a vida não desfez...
E ao lê-los ... com saudade em tua dor...
hás de rever, chorando, o nosso amor,
hás de lembrar, também , de quem os fez..."*

*Se nesse tempo eu já tiver partido
e outros versos quiseres, - teu pedido
deixa ao lado da cruz para onde eu vou...
Quando lá, novamente, então tu fores,
podes colher do chão todas as flores
pois são versos de amor que ainda te dou!..."*

Essa constância póstuma, tão originalmente refluindo, tem feitiço de uma novidade na poesia amorosa. José Guilherme de Araújo Jorge está no seu clima.

Se ainda bebe da água da Castalia, é que a água dos nossos morros dá verminose...

Rio, Setembro de 1934. - Povina Cavalcanti.

Meu Céu Interior (2ª edição, 1948)

Antes do Prefácio (Texto de J. G. de Araujo Jorge)

Relendo estes versos, alguns ainda escritos quase de calças curtas, garoto ainda do Colégio Pedro II, não posso deixar de sorrir. Há uma infinita ingenuidade em quase todos. Hoje custa-me a crer que pudesse tê-los sentido ou imaginado. Digo estas cousas, para que os leitores não se esqueçam de colocá-los à devida distância.

Que inveja porém dessa juventude, - quase e ainda infância, - ou dessa infância – que queria ser juventude, a falar de amor e de outros assuntos menos sérios... Que nostalgia dessa pureza extinta, tão pura, mesmo quando a querer dar impressão de pecado original.

A falar sinceramente, nem me lembrava mais de alguns destes versos. Agora que os releio em provas, eles me sabem a frutos de vez, acres, acre-doces na sua imaturidade adolescente.

E que estranho sentimento, estranhíssimo – tristeza, remorso, alegria, saudade – na lembrança desse poeta que um dia existiu em mim e que desapareceu com os primeiros passos; na impressão dessa ingenuidade irreconstituível!

Hoje, o poeta de "Cântico do homem prisioneiro!", do "Canto da terra", de "Estrela da terra", tem fundos pés de raízes nas terras da vida... Não crê mais em céu... nem mesmo em "céu interior"...

Pensei em rasgar estes versos. Mas, rasgá-los por que? Pensei em corrigi-los, endireitá-los...

Mas, estaria eu realmente a corrigi-los, a endireitá-los, se os modificasse? Ou na realidade estaria a mutilá-los, a desenformá-los?

Compreendi logo o absurdo e a insanidade do meu pensamento. Se eles nasceram algum dia, e se viveram desta forma, assim subsistirão ou se dissolverão. Não cabe a mim, ressuscitá-los ou destruí-los.

Isto seria, de certa forma profaná-los, seria matá-los. E há neles afinal, apesar de verdes imperfeições, o halo sagrado da beleza, ainda que, apenas entre vistas ou esboçadas. Estátuas desenterradas, retém a visão e as características da emoção, no tempo.

Se foram as primeiras gotas, que guardem com a água da nascente, a inicial transparência. Transparência nunca mais recobrada, e perdida, depois que as águas caíram e tocaram a terra.

Esta Segunda edição de "Meu Céu Interior", cuja primeira edição data de 1934, sai por sugestão de alguns livreiros e para atender à curiosidade de alguns leitores de outros livros meus.

Desculpem-me os que não tem nada com isto...

Incluo o mesmo prefácio da primeira edição, um belo trabalho do crítico literário Carlos de Povina Cavalcanti. Escreveu então Povina Cavalcanti: " José Guilherme de Araujo Jorge. 19 anos. Tez pálida. Fronte larga. Olhar inquieto. Movimentos nervosos. Ar de abstração e de sonho.

Com esta ficha o adolescente autor deste livro seria identificado em qualquer porto literário, aonde os bons ventos da imaginação o levassem, velejando com a alma da poesia."

Isto faz-me lembrar uma outra ficha que se encontra na Delegacia de Ordem Política e Social, onde se lia: "Agitador comunista".

Mas, se ontem, a primeira ficha poderia me servir, hoje nenhuma das duas me identificaria. No poeta de outros livros, na minha vida prosaica, as vezes política, não há mais vestígios daquele "ar de abstração e de sonhos", e a mentira da " ficha policial" se desfez quando dois de dezembro de 1945, se escancarou a grande janela democrática aos ares sadios da liberdade.

Me lembro de Afrânio Peixoto, quando escreveu sobre este livro: "Bilaqueano em "Sozinho" e na " Estranha Encruzilhada". " Vingança" bem me soube mais: bem homem, bem mau... esplêndido! "

Entusiasmos do mestre pelos trabalhos dos jovens.

Talvez que a releitura de algumas dessas impressões críticas seja também culpada pela presente edição. Gostaria de saber dos leitores que me escreveram pedindo esta reedição se eu tinha razão em não querer atendê-los...

No fim, talvez pensem como eu: quando a terra é áspera e amarga, vale ao menos a lembrança de que já houve "um céu interior"...

J. G. de Araujo Jorge - Rio, junho de 1948

Imagens da cidade Natal de J. G. de Araujo Jorge.



Antiga Praça Plácido de Castro - Tarauacá – Acre



Antigo Mercado Municipal - Tarauacá - Acre



Barcaças - Tarauacá - Acre



Casarão - Tarauacá - Acre



Casarão 2 - Tarauacá - Acre



Casarão 3 - Tarauacá - Acre



Antigo Palácio do Governo - Tarauacá - Acre



Vila - Tarauacá - Acre

Quel
Uma da " contra encarnac
" espírito e sensibilidade
Lembrança de Pôrta e
de Almeida
Lio 17/8/74

Autógrafo 1974

UMA HORA DE MORRER...

I

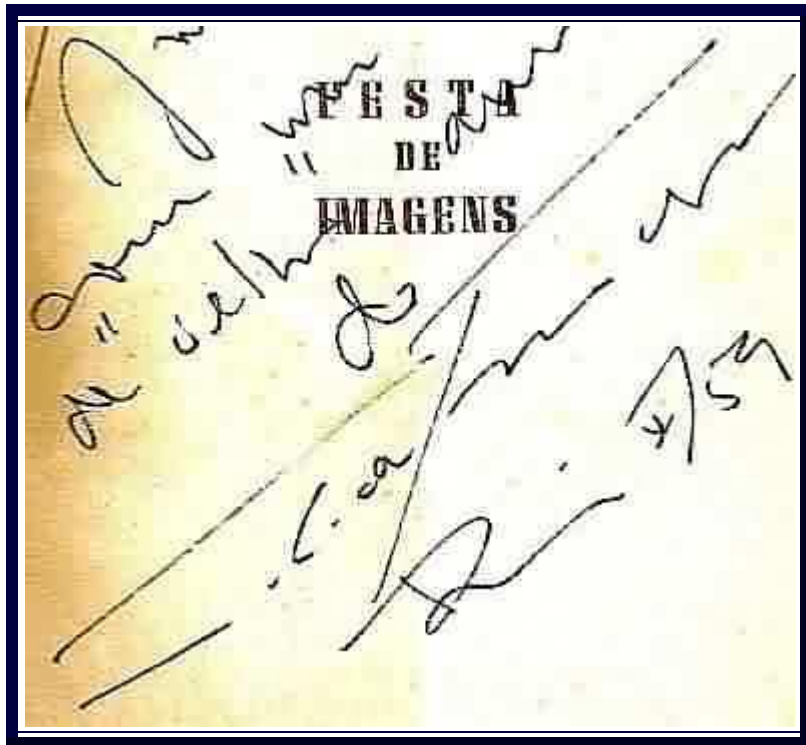
Uma hora de morrer é aquela em que,
debruçado sobre teus olhos,
me agarro a ti para salvar-me
e sinto que afundamos juntos.

II

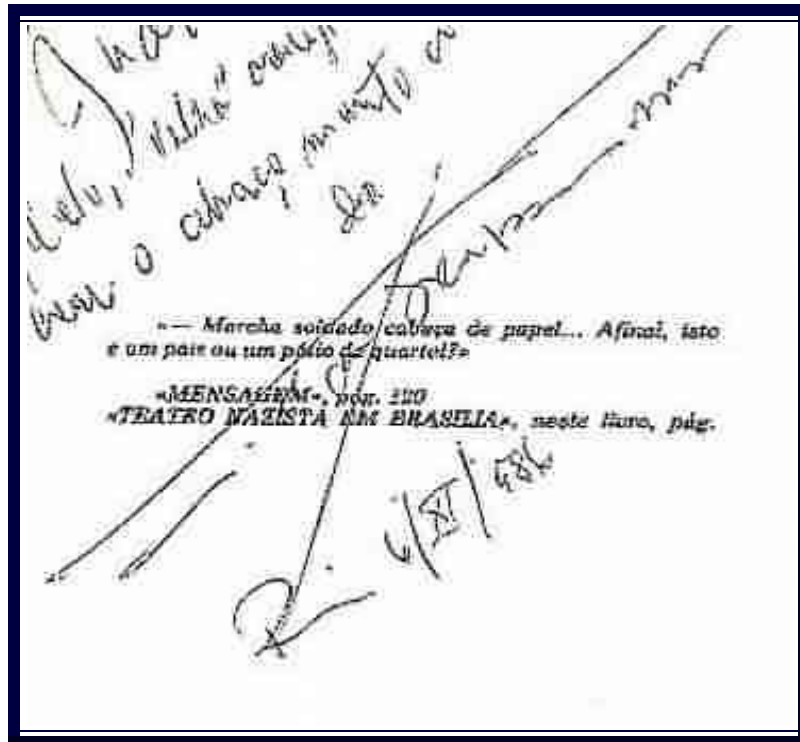
Uma hora de morrer
é aquela em que nada dizes,
em que apenas me olhas como agradecendo,
e em que me guardas ainda contra ti,
como se quisesses ter a certeza
de que apesar de tudo
ficamos na terra.

ca. Silva

Poema assinado



Autógrafo no livro Festa de Imagens



Último Autógrafo 1986

Curiosidades

1) José Guilherme (JG) de Araujo Jorge (20/05/1914 -27/01/1987) JG tinha acabado de completar 23 anos, e já havia publicado os livros "Meu Céu Interior" e "Bazar de Ritmos", quando Sílvio Caldas gravou a música em 01/06/1937. Esta música também foi gravada por Francisco Alves, na mesma ocasião.



2) SÍLVIO Narciso de Figueiredo CALDAS nasceu no Rio de Janeiro em 23/05/1908. Era chamado o "Caboclinho Querido". Compôs em parceria com Orestes Barbosa o famoso "Chão de Estrelas". Sílvio viveu em São Paulo onde recebeu freqüentes homenagens e participou de shows e apresentação na televisão. Faleceu em 03/02/1998

“CONFESSANDO QUE TE ADORO”

J. G. de Araujo Jorge

*A quanto tempo esta paixão
que ninguém via
ocultava em meu silêncio
dia e noite, noite e dia.*

*Eram para outros teus olhares,
os teus beijos
e eu morrendo de ciúmes
disfarçava os meus desejos.*

*Sofri bastante esperando este momento
em que tudo revelando
terminasse o meu tormento.*

*Mas hoje em fim posso dizer
que meu amor é infinito
como o mar
no coração de um pescador.*

*Já vejo agora mais estrelas na amplidão
pelas matas mais perfumes
e mais flores pelo chão.*

*Talvez por isto não esconda esta alegria
confessando que te adoro
dia e noite, noite e dia.*

*Mas hoje em fim posso dizer
que o meu amor é infinito
como o mar
no coração de um pescador.*

Ficha técnica: Autor : José Carlos Burle / J. G. de Araujo Jorge

Intérprete: Silvio Caldas

Acompanhamento: Orquestra Copacabanas

Direção: Simon Bountman

Selo: Odeon - Gravação: 01.06.1937

Lançamento: Julho de 1937

Agradecimento ao Amigo Franco:

<http://www.musicasantigas.hpg.com.br>

OPINIÕES QUE O TEMPO CONSAGROU

"O autêntico poeta do povo do Brasil, 'o poeta das massas, como judiciosamente assinalou **Carlos Drummond de Andrade**, é um jovem professor no Rio de Janeiro: J. G. de Araujo Jorge. É hoje comum em certos círculos literários da Europa falar-se no poeta chileno Pablo Neruda. De idêntico valor como intérprete do ardente coração latino americano, da pobreza de sua gente, do sentimento e da beleza desse continente, é também **J. G. de Araujo Jorge**."

"Há de chegar o dia, estou certo, em que em todas as antologias de poemas sobre a liberdade, em todas as antologias dos povos livres, serão incluídos os críticos deste profundo e empolgante poeta". - **STEFAN BACIU - Arbeiter-Zeitung, Suíça, 13/8/49**

"Araujo Jorge, na forma e no conteúdo é um poeta eminentemente popular e revolucionário. O Canto da terra foi lançado em pleno regime de terror, como um desafio de inteligência livre quando a imprensa se achava amordaçada, e a polícia ameaçadora toda poderosa rondava as casas dos inimigos da ditadura. Pela força e pelo fulgor, a poesia de Araujo Jorge pode se comparar à de Pablo Neruda, chegando mesmo a superá-la em muitos aspectos." - **EDMUNDO MONIZ, 1943 (Revista Vamos Ler)**

"Estrela da Terra eleva J. G. de Araujo Jorge à galeria de Whitman e de Neruda, como **Cântico do homem prisioneiro e O Canto da terra** o situaram no plano de **Castro Alves**." **LUCÍLIO DE CASTRO, O Globo, 21/1/45**

"Quem por ventura convive com J. G. de Araujo Jorge não pode deixar de apreciar sua atitude olímpica diante da vida. É ele, na verdade, um apóstolo da Poesia. O verso é para ele uma mensagem para o povo. Detesta o hermetismo. Ama a multidão. Abomina o mistério. Idolatra o entendimento comum de todas as almas". - **JOAQUIM RIBEIRO, 1943 - (Prefácio de Meus Sonetos de Amor)**

"Como se trouxesse água na mão para a boca sedenta e empoeirada, assim nos chega esta Mensagem de J. G. de Araujo Jorge, o mais popular de nossos poetas, o poeta das massas, de maior projeção no Brasil, conforme (apud, citação de **Franklin de Sales, na Folha de Minas de 29 de maio de 1943**) já tivera a oportunidade de dizer **Carlos Drummond de Andrade**".

- **MOACYR FELIX - Apresentação do livro Mensagem**

"Se uma miopia estética me impedisse de reconhecer poesia nos versos de J. G. de Araujo Jorge haveria o fator claro e indiscutível que mo apontaria como legítimo poeta: não lhe perdoam o inegável sucesso, e, a todo instante, procuram morder-lhe o renome com os dentes compridos e verdes de inveja." - **RENATO HOMEM Carioca, 12/9/42**

A NOITE E O POETA

Esta noite é igual a todas as noites, entretanto, subitamente, é aquela noite que ficará marcada para a mim. Subitamente. - estou dentro dela, consciente, e a sinto como se a tivesse aderente à minha pele, como uma tatuagem, como se pudesse envolvê-la ou tomá-la nos braços.

Por quê? Não sei. Parece apenas que tudo o que faz a noite, sua calma expectante, seus pequenos ruídos singulares, suas luzes, suas sombras, suas formas estáticas; todos os que são a noite estão presentes, posso senti-los como se fôssemos uma mesma coisa, ou um mesmo ser.

Como se repentinamente me transmudasse na noite que está ao meu redor, como se ela estivesse em mim. Todos: os que estão acordados, uns poucos que, como eu, a estão velando ou saboreando, em estado de angústia ou de suprema paz; ou os que embarcaram nos pesados veleiros do sono, e estão adormecidos, onde?

Em qualquer lugar, mas sinto que estão adormecidos, fazem parte da minha vida, e dão dimensões inimagináveis à minha solidão.

Sinto sua presença "física", soma de tantas ausências, nesse extenso e enorme silêncio à volta, silêncio de coisa em gestação, tecido de vagos movimentos apenas adivinhados, de sons que não chegam aos nossos ouvidos. Sem a sensação dessa falta, esse silêncio não seria possível, nem essa pausa, essa tranquilidade, feita de tantos que estão submersos, que nasce da vida momentaneamente em síncope.

Essa hora tarde se impregna de humanidade, porque é justamente a hora em que a vida apenas lateja, distante, sob os meus dedos, como um pulso à apalpação do médico.

Em que posso vir a mim, ou ir-me, e encontrar-me como a um velho conhecido, de raras visitas - para conversar sobre coisas de que só nós nos lembramos de tantas e infinitas coisas insignificantes, da maior importância para que continuemos vivos: para falar sobre todos e sobre tudo, e tentar descobertas como quem abre uma janela e se debruça para o acaso.

Colho minha alegria em momentos assim. Em de repente, em subitamente, como se esbarrasse em transeuntes apressados e desconhecidos. Colho minha alegria de momentos assim, em que nada parece se ter alterado, em que as coisas permanecem como são, em sua rotina, mas em que surpreendentemente me reconheço e me revelo.

Então, ela cintila por segundos, me aposso dela com uma aguda e intensa percepção, penetro-lhe o mistério e o sentido. Mas perco-a também, logo após, tal como a encontrei. E ela se vai e se esvai como surtiu, e mergulho novamente como um, ser comum na torrente igual da vida.

Quantos dias, quantos meses, tempo sem tempo, vão seguindo sem me aperceber disto? Mas, de repente, posso reconhecer que vivo.

Sim, é uma descoberta maravilhosa, e tudo me sabe então novo e inédito, como se acabasse de nascer. Grito-me para mim mesmo que estou vivo, e essa sensação é deslumbrante e misteriosa!

- Então eu vivo! E há calor em tudo que me cerca, diante de meus olhos, ao alcance de minhas mãos. Tantos semeando e colhendo. Há estrelas, distantes estrelas, tão próximas para os nossos olhos, nos momentos de desânimo.

Há pássaros em perdulários cantos e algazaras, efervescendo nas ramagens ao cair da tarde; automóveis pulsando nas ruas, num vaivém taquicárdico de civilização cardiopática; banhista nas praias, displicentes, colhendo o sol e o mar; crianças, que são sempre crianças, que dão sempre a impressão de que não vão crescer embaraçando de correrias os jardins, os recreios; e mães gritando há milênios, dos andares altos, das janelas abertas, anunciando o futuro.

Não é extraordinário que eu descubra que há vida ao meu redor, vida com V grande, apenas vida, e que

andava cego e surdo? E que afinal devo a tantos que não me percebem, nem tomam conhecimento de minhas descobertas, a minha alegria de viver?

E só por isso, uma luminosa euforia lava meu coração, a o embebeda, e o abre como uma espátula de luz. Inexplicavelmente compreendo, justifico tudo, e me sinto tocado de amor, de um ímpeto de braços dados, de mãos que se apertam, de peitos que se abraçam!

E só por isso, só? Meu Deus? - me sinto melhor, endividado com a vida, a agradecer a todos, e a perdoar até, a todos, a sua presença; paradoxalmente esquecido de mim, - integrado à humanidade, a bendizê-la.

Meu Deus, acho que nestes momentos fico poeta. Acho que ser poeta é só isto: encontrar-se subitamente dentro da vida, o coração nu, com esse estranho poder de despojar as coisas de si mesmas, e vê-las por dentro, e amá-las em sua palpitante beleza.

Sentir-se ao mesmo tempo único e múltiplo, consciente de suas forças pelas infinitas placentas que o prendem ao mundo. Acho que ser poeta e de repente poder se sentir feliz, apenas por que se vive, sem quaisquer indagações, em contato com Deus, seus mistérios e suas verdades.

E a vida ser algo assim que se justifica pela simples e indescritível revelação de um momento perfeito, sem mácula, sem preocupações, sem ódios sem egoísmos, sem despeitos, e até sem desejos: tecido apenas de amor, um amor total, cósmico, transbordante; que não cabe apenas na mulher que nos espera.

No filho que se quer; no amigo que nos acompanha; mas que os integra também na emoção imensa, ampla, profunda - como um remoinho em que nos abandonamos completamente - como uma nebulosa em que nos dissolvemos, inteiros.

Acho que ser poeta é poder captar esse instante, e tentar fixa-lo em palavras e cantos, servi-lo a mancheias, para matar a fome e a sede de paz e beleza, de comunicação e amor, de um mundo feito de ânsias e frustrações, de surdos corações e espíritos cegos.

Acho que ser poeta é poder colher esse instante de alegria como uma flor imortal, para oferta-lo a todos, para que todos participem dele.

Talvez por isso escrevi um dia aqueles versos:

O poeta é um prestidigitador

faz mágica com a vida

transforma água em vinho,

para a embriaguez da beleza

ou, quem sabe? estes outros:

Meu Deus por que ser difícil?

É tão fácil cantar:

basta abrir a boca.

É tão fácil amar:

basta abrir o coração.

ATexto compilado do livro "Cantiga do Só" página 09, 2a edição - Editora Vecchi - 1968.

J.G. - Respondendo aos Leitores - (Um pouco da história dos meus livros)

Recebo mensalmente, centena de cartas de meus leitores. (70% são cartas femininas). Muitos me fazem perguntas sobre a poesia, a vida, os outros poetas, o amor, enfim, um mundo de perguntas que nem sempre posso, ou tenho tempo para responder.

É comum, por exemplo, a pergunta:

1) - O poeta escreve o que sente, o que vive, ou é imaginação?

E eu respondo sempre:

- A gente começa imitando, acaba criando, como dizia o velho Flaubert.

Meus primeiros livros são imitações. Do meio para o fim, criei, colhendo a própria vida.

Poesia sem vida é como flor de papel, fruto de matéria plástica, não tem perfume, seiva, sabor.

Uma outra pergunta, ingênua, mas compreensível é esta:

2) - Que é preciso para se ser poeta?

E a resposta, tão fácil: - Ser. Ser, viver, imaginar, aprender. Só isto.

Primeiro, é preciso nascer poeta; depois ir ao encontro da vida; há ainda a imaginação: - as asas para levantar voo do prosaico; e finalmente, aprender seu instrumento de comunicação.

Costumo afirmar: não basta você ter em casa um violino para ser violinista.

Muitas das perguntas que me fazem, são a respeito dos meus livros.

3) - Qual o livro que gosto mais?

E eu confesso sinceramente: - Do último, porque é o que está mais perto de mim.

Vivemos muitas vidas numa só. Morremos e nascemos em nós, muitas vezes.

Há livros que me parecem tão distantes como se tivessem sido escritos por outro autor.

Quando lhes releio as provas, para novas edições, surpreendo-me de que sejam minhas tantas de suas páginas.

De um modo geral, os livros são como os filhos. é sempre difícil responder de qual gostamos mais, apesar de reconhecermos que alguns deles se parecem mais conosco.

O interesse dos leitores me agrada, me lisonjeia. Gosto de receber cartas embora muitas vezes não possa responder a todas como desejaria.

Noutro dia, uma leitora gaúcha, me fez a pergunta:

4) - Qual a história de seus livros? E ela mesma comentava: "Acho-os tão diversos entre si, quase como se fossem de poetas diferentes".

Seria longo tentar responder, integralmente, a pergunta da minha leitora. Não apenas os livros têm a sua

história, mas, cada um dos poemas.

Entretanto, esta me pareceu uma boa oportunidade para dizer alguma coisa sobre os livros. E deste modo estarei respondendo também a tantas outras cartas, informando sobre detalhes que minhas amáveis leitoras, às vezes, desejam saber.

Procurarei ser breve, porque afinal os livros já ultrapassaram a duas dezenas.

Costumo dividir os meus livros em dois tipos: poemáticos e coletâneas.

Poemáticos no sentido de obedecerem, como um único poema, a um só motivo, traduzindo um mesmo estado de espírito e quase sempre, por isto escritos em poucos dias.

Coletâneas, quando representam a reunião de poemas, escritas, em períodos mais longos, sobre temas diversos, em estados emotivos suscitados por fatos diferentes.

Os livros coletâneas são como “colchas de retalhos, mosaicos”.

Os livros poemáticos, são eruptivos, correspondem a um impulso criador mais forte e intenso.

Possuem unidade. Surgem quase sempre de um acontecimento marcante em minha vida.

Geralmente, enquanto vivo, não escrevo. **Os poemas são feitos nos momento de pausa, e a poesia não é afinal senão uma ressonância da vida, no espírito do poeta.** Eu próprio escrevi há tempos, na "Carta a um Poeta" que se encontra no livro "AMO!"

"Poesia é ressonância

é música à distância é ânsia,

voz que vem não sei de onde,

e que canta na sombra

e fica suspenso no ar...

Se a vida é a noite, a sombra...

a poesia é o luar!"

E noutro trecho do poema:

"Os poetas são, pelo mundo,

ora uma sombra amena

e distraída

que erra,

ora uma luz serena

e colorida

que a essência da própria Vida

descerra,

- são sobre-humanos troféus:

as lembranças que os deuses deixaram

na terra

depois que um dia voltaram

para os céus!"

Quando estou demasiado ocupado com os sentidos, não tenho tempo para a palavra. Mas, a

verdade, é que, enquanto vivo, vou me "carregando" de emoções.

O "eu" vai ficando tenso, acumulando nuvens como um céu de verão, e um belo dia, inesperadamente, cintilam faíscas de ideias, e a criação é como uma chuva interior, desanuviando o espaço e fecundando a terra.

Assim surgem os livros que costumo chamar de **poemáticos**.

Após escrevê-los, me sinto limpo, claro, aliviado, como um céu depois de um temporal.

Outra coisa: o ato de escrever, em mim, é sempre imprevisível. Não tenho hora nem lugar para escrever. Nunca sei verdadeiramente quando vou escrever. Normalmente, minhas horas de escrever são à noite, pelas madrugadas, no silêncio do mundo que dorme seu sono múltiplo e infinito ao redor.

O ato da criação é um desabafo, um transbordo, surge como uma necessidade insopitável de auto-confidência. Nem sempre escrevo quando tenho tempo.

O fator tempo não tem a menor relação com, o ato da criação. Às vezes, quando aparentemente não tenho tempo, é que escrevo. Escrevo quando preciso.

Escrever é uma necessidade funcional, e quando ela se manifesta sou compelido à sua realização esteja onde estiver, seja qual for o momento.

Já me levantei da cama, dentro da noite; já parei meu carro, em pleno "rush", no meio da rua; já pedi papel mesmo de embrulho, porque não havia outro, a um garçom num bar; e, tudo, simplesmente, para escrever.

De repente a vida se agita, bate dentro de mim, cintila, vira palavras que começam a se ordenar no espírito, e tenho que libertá-la. Arte é libertação.

E que indescritível a alegria da criação!

Me lembro de que, - em meus tempos de garoto, - havia um viveiro de pássaros na casa de meu avô Tinoco, em Botafogo.

Quando eu podia, abria a portinhola para que fugissem. As vezes penso que é uma alegria igual à que então experimentava, ao ver os pássaros alçarem voo, e desaparecerem...

Os livros que chamo de **coletâneas**, eu os vou escrevendo aos poucos, respingados da vida de todos os dias. Digo às vezes, em tom de brincadeira, que eles surgem quando me disponho a "limpar as gavetas".

Realmente, certos dias resolvo arrumar os papéis desentulhar pastas - começo a selecioná-los, separá-los, rasgá-los, e ao final percebo que tenho nas mãos um punhado de poemas E que isto daria um livro.

Procuro então um título, "batizo" a nova obra, e entrego-a à "cegonha", digo, ao editor.

As coletâneas são como buquês. Flores de todos os tipos reunidas num mesmo ramalhete.

Dito isto, vejamos como classificaria os meus livros.

1º - MEU CÉU INTERIOR

O **primeiro** é uma coletânea. Foi a primeira que organizei, selecionando trabalhos escritos entre os 15 e os 18 anos.

Poemas da época em que era colegial do Colégio Pedro II, e estudante dos primeiros anos de Direito. Guilherme Figueiredo, meu colega de Faculdade, achou-o "stecchetiano". Joaquim Ribeiro, meu companheiro de "Café Amarelinho" escreveu dizendo que era "anacreôntico".

Quando publiquei a 2ª edição retirei alguns poemas que me pareciam mais fracos, substituindo-os por outros da mesma idade sentimental.

Hoje, não assinaria senão uns 20% dos seus poemas. Entretanto, tenho encontrado muita gente que me afirma "ser o livro de que gosta mais".

Nelson Rodrigues me disse isto, muito embora eu verificasse que só conhecia dois ou três dos meus livros, e justamente os primeiros.

Na 5.ª edição, juntei dois sonetos encontrados em velhas pastas, e que não sei por que não tinham sido incluídos nas primeiras edições.

2º - BAZAR DE RITMOS

Meu **segundo livro**, é também uma - **coletânea** , mas eu diria, com um vago sentido **poemático**.

É que todos os seus poemas pertencem a uma fase de transição. É um livro que retrata minha adolescência, com suas inquietações, seus anseios, suas dúvidas.

Escrevi certa vez: "**este livro marca meu primeiro encontro com a Vida**."

MEU CÉU INTERIOR é mais sonho, impressão imaginativa e romântica das coisas.

O romantismo de **BAZAR DE RITMOS** lança as suas primeiras raízes na terra dos sentidos."

Também ao "**Bazar**" acrescentei, a partir da 5ª edição juntei alguns "poemas retardatários", que não tinham sido incluídos nas edições anteriores, e encontrados muito tempo depois.

3º - AMO!,

Meu **terceiro livro** está dividido em duas partes:

1) "**De olhos abertos**", e "

2) "**De olhos cerrados**".

A primeira é **coletânea**; a segunda, **poemática**.

Numa reuni poemas de inspiração diversa, colhidos aqui e ali.

Em "**De Olhos Cerrados**" está toda uma história de amor já vivida.

Entre os meus primeiros livros, - os da fase inicial, - clássico-romântica, que vai até **A OUTRA FACE, AMO!** - tem sido o de melhor receptividade,

Encontra-se já na **décima terceira edição**, com mais de cem mil exemplares vendidos.

Carta A Um Poeta'' do livro AMO

Meu amigo Poeta

Ontem chegando em casa abatido e entediado (e eu moro bem no alto de Santa Tereza e da minha janela a cidade distante tem uma outra grandeza e uma expressão parada de sonho e torpor...)

- Abri teu livro e confesso, que muitas vez fechei-o deslumbrado para bem penetrar toda a sua beleza e para melhor sentir todo o seu esplendor!

Ao chegar tinha os ouvidos surdos, cheios da algazarra das ruas e nos lábios um gosto de poeira e de fel, (toda tarde, ao voltar, eu devo ter esse ar mais morto do que vivo, de um fugitivo daquele mundo louco que anda lá por baixo num tremendo escarcéu. . .)

Amigo Poeta, quantas vezes já escancaraste tua janela assim como quem pendura na parede do quarto uma viva aquarela onde a paisagem foge até perder de vista!

E em silêncio ficaste a pensar como eu fico absorto, sem razão, no quanto há de sublime em nossa alma de artista, bêbeda de sonho e louca de inquietação!

Tu sabes, eu o sei, nós dois sabemos quanto é inútil, sendo bela, essa ânsia de tua alma eternamente inquieta e esses desejos meus. . .

Mas, quem pode matar também dentro do Poeta essa fé que acredita em cousas que não cremos e esse desejo louco de querer ser Deus?!

Os poetas são, pelo mundo, ora uma sombra amena e distraída que erra, ora uma luz serena e colorida que a essência da própria Vida descerra!

- são sobre-humanos troféus, as lembranças que os deuses deixaram na Terra depois que um dia voltaram para os céus!

Ao voltar para casa no silêncio das horas de descanso longe do mundo, foragido da vida, em seus tons mais fortes, mais diversos, que bem faz um poente a fugir tão manso e a gente se sentar, e abrir folha por folha lentamente, comovido, um livro cheio de versos!

Porque à hora em que o céu se enche todo de estrelas que as mãos fecundas da noite vão semeando, na alma da gente, azul, uma emoção penumbra vai baixando como a tarde que desce trêmula e discreta.. .

Essa hora, feita de tons, de meios-tons suaves quando em bandos no céu, se recolhem as aves, é sempre a melhor hora para conversarmos com um poeta!

Meu amigo Poeta como sabes sentir! Os estranhos, os leigos os ignorantes dirão que o que há pelos teus versos é imaginação, beleza de linguagem festa de imagens loucas, mas não compreenderão (ah! as almas como a tua são tão poucas!) o que eu só pude ver, eu só pude

entender nessa encantada viagem, porque eu sou teu irmão!

Não compreendem tua alma vivendo agora um trecho feliz depois de um dia tristonho em mil segundos de intranquilidade!

Coitados! Não podem ver que essa imaginação é a trepadeira verde que dá a flor do sonho mas que nasceu no entanto da verdade!

Não sabem que a alma da gente por mais direita que se contornando as surpresas e os espinhos, é muita vez incoerente e sinuosa, como os caminhos!

Não veem que o que está no papel é a impressão da nossa alma, a ressonância da vida, o que ficou cantando em nós, depois que a vida passou...

Aquele ruído do mar, nas conchas, que uma criança tirou de dentro do oceano e sem querer guardou!

Que o poeta é aquela concha, e aquela concha é um pouco do coração imenso e louco do mar!

Poesia é ressonância é música à distância é ânsia!

Voz que vem não sei de onde, e que canta na sombra e fica em suspenso no ar!

Se a vida é a noite, a sombra... A poesia é o luar!

O Poeta, quando é grande, é a fronde que cresce, e se eleva, e se expande, e se enche com a algazarra e a música dos ninhos, e abriga o caminheiro exausto e trôpego dos caminhos, é fronde (folha e flor) é som, é movimento de ramos, ao vento, ou ao sopro suave da viração. . .

E os outros homens são sementes que caíram e não nasceram nem se abriram e ficaram estéreis dormindo no chão!

Meu grande amigo e Poeta benditos os que como tu trazem a alma de harmonias repleta, felizes os que como nós, podem desabafar consigo mesmo e ainda encontram consolo ouvindo a própria voz!

Benditos os que foram sementes fecundas e à luz do sol surgiram, se abriram e cresceram, e sobre todos os quintais vizinhos foram levar a música dos ninhos e a alegria dos ramos que se enfloresceram!

No mundo exausto e cansado, na vida que entedia, mesmo irrequieta, bendito aquele dia em que nasceu o Sonho! E em que cantou o Poeta !

(Poema de J. G. de Araujo Jorge do livro " AMO ! " - 1938)

Do livro **AMO!** Em diante J. G. de Araújo Jorge diz que poderia resumir:

a) **São coletâneas** -.

- a1. ETERNO MOTIVO,
- a2. FESTA DE IMAGENS,
- a3. O CANTO DA TERRA,
- a4. MENSAGEM e este
- a5. CANTIGA DO SÓ.

b) **São poemáticos**:

- b1. CÂNTICOS, (*primitivamente publicado com o nome de CÂNTICO DO HOMEM PRISIONEIRO!*)
- b2. A OUTRA FACE,
- b3. ESTRÊLA DA TERRA,
- b4. HARPA SUBMERSA,
- b5. A SÓS,
- b6. ESPERA e
- b7. QUATRO DAMAS.

Na ordem em que estão citados, uma palavra sobre cada um:

a1. - ETERNO MOTIVO

Quando publicado, levantou o "**Prêmio Raul de Leoni**" oferecido pela Academia Carioca de Letras para o melhor livro de poesia do ano. Surpreendi-me com a vitória, pois, sinceramente, acredito muito pouco em concursos, no Brasil.

O livro **MEU CÉU INTERIOR** obteve "**Menção Honrosa**" na Academia Brasileira de Letras.

Animei-me, e mandei o **BAZAR DE RITMOS**. Dados os resultados, nada consegui.

Anos depois, Guilherme de Almeida, que fora o relator do Concurso naquele ano, me diz, que nunca lera o livro...

O "eterno motivo" que serve de inspiração à obra está definido no primeiro verso, do primeiro poema:

"Não me envergonho nunca de falar de amor".

a2. FESTA DE IMAGENS

Nasceu realmente de um "**limpar de gavetas**". Encontrando, por acaso, na antiga Livraria Civilização Brasileira um seu Diretor, que vivia em São Paulo, este me perguntou se não tinha os originais de algum livro novo. E me disse que editaria o livro com muito prazer "*pois eu era a poeta mais lido, em S. Paulo.*"

Apesar de já ter entregado praticamente todos os meus livros à Editora Vecchi, prometi arranjar-lhe os originais. Chegando em casa "limpei" as gavetas e pastas. E ao final, tinha o material a que dei o título de **FESTA DE IMAGENS**, e cuja primeira edição foi lançada pela Civilização

Brasileira, (Editora Nacional) de S. Paulo. Entretanto, a partir da segunda edição, saiu também pela Editora Vecchi.

O livro está dividido em três partes: **FESTA, IMAGENS, FANTASIA.**

As duas primeiras são coletâneas, a terceira é realmente um único poema, que acabei por dividir em vários poemets. Era minha intenção até, publicar essa terceira parte como livro separado, com o título de "**Terra de Canaan**", mas acabei por integrá-la ao **FESTA DE IMAGENS.**

O poema "**Serei... Serás...**" que está no livro **ETERNO MOTIVO**, é um pedaço desse poema que seria o "**Terra de Canaan.**"

OS livros **poemáticos** são os que marcam etapas na minha vida. Representam os momentos mais fortes, mais líricos, mais dramáticos. Eis algumas palavras, sobre cada um deles:

b1. CÂNTICOS

A primeira edição foi lançada com o título de **CÂNTICO DO HOMEM PRISIONEIRO**, eu o dividi em duas partes.

Na **primeira** está o poema que deu título ao livro, **um único e longo poema** escrito em apenas três noites, num bar da rua da Lapa, o antigo 49, em meus tempos de boêmia desenfreada.

Fracionei o livro em poemas, mas a sua unidade é evidente.

Na **segunda** parte do livro, acrescentei o **CÂNTICO DOS CÂNTICOS**, um poema cristão-socialista, que saiu pela primeira vez no "Correio da Manhã", e que obteve larga repercussão quando publicado.

CÂNTICOS é um livro de mocidade, de mocidade com todas as suas ânsias, desejos, insatisfações Como eu digo no "Pórtico":

"Este é um livro de tédio e revolta, é verdade, mas também de otimismo e de fraternidade!"

b2. A OUTRA FACE

É o meu instante burguês, nem por isso, sem poesia e lirismo. Retrata aquela fase de minha vida em que consegui conquistar os meus primeiros recursos materiais, em que alcancei minhas vitórias iniciais. É um livro escrito depois de casado. Nele se alternam o canto e o trabalho, a construção e o amor.

Sua dupla personalidade poderia ser observada em poemas como: **Meu Mundo, e A Geladeira.**

E o que dizer de:

b3. ESTRELA DA TERRA?

Foi todo escrito depois que me envolvi, (com todas as minhas forças e a vontade de realizar alguma coisa) numa campanha política como candidato a Deputado. Se tivesse sido eleito talvez não o tivesse escrito. É um livro político, porque assim se impôs, assim se plasmou. Escrevi-o por absoluta necessidade. Não conseguindo eleger-me, e com um mundo de ideias a debater-se dentro de mim, o que estava em meu espírito teria que irromper de alguma forma. E

transformaram-se em poemas, o que, em outras circunstâncias, seriam discursos, mensagens, projetos, toda uma luta enfim. Não me deram a tribuna que tanto desejava, construí a minha própria.

ESTRELA DA TERRA é talvez o único livro de poesia política do Brasil.

Escrevi-o em poucos dias, num impulso. Jan Zach, grande pintor tcheco a quem entreguei os originais para fazer a capa, devolveu-os não apenas com a capa, mas com dez bicos de pena, ilustrações para diversos. Explicou-me: "*Não pude me conter. A sinceridade e a força do livro me contagiaram, e eu senti necessidade alguma coisa também*".

Quando o livro foi publicado, os nossos críticos, que na sua maioria se submeteram ao regime fascista de suborno e medo o chamado "**Estado Novo**", não disseram uma palavra.

Apenas **Lucílio de Castro**, numa antiga página literária no jornal "**O Globo**" publicou um artigo: "Poesia de hoje para os melhores dias de amanhã", que costumo incluir como apêndice, em outros livros, para divulgar o **ESTRELA DA TERRA** até hoje com apenas uma edição. (Recentemente, em **MENSAGEM**, também de poemas políticos, incluí alguns poemas de **Estrela da Terra. MENSAGEM** saiu pela Civilização Brasileira.).

Com **Estrela da Terra, meu editor, o Vecchi negou-se a editar o livro**, depois que o imprimira, sem tomar conhecimento do seu conteúdo. E o livro acabou saindo como "**edição do autor**".

b4. HARPA SUBMERSA

É, para mim, um livro doloroso, traduzido em hora amarga, quando minha vida parecia sufocar-me. É a história de amor perdido, irrecuperável, de angústia, portanto. Escrevi certa vez: irrompeu do coração em cantos, nessa sensação de que morreria se não desabafasse.

"...O que me falta é a coragem de fazer como Gauguin e ir pintar as ilhas e as mulheres dos mares do Sul..."

Considero-me um poeta moderno, romântico. Este livro é, entretanto, em muitas de suas páginas, dramático, tal como **A SÓS... e ESPERA**.

b5 - A Sós... e b6. - ESPERA

São duas faces da mesma moeda. Como disse o editor na "orelha" de um dos volumes:

"No fundo são um grande e largo poema de amor, fracionado em pequenos cantos que perturbam e emocionam, pelas flagrantes e inevitáveis coincidências humanas de suas revelações."

Entre **HARPA SUBMERSA** e estes dois livros há um espaço de mais de dois anos, em que praticamente nada escrevi. Tinha a impressão de que o poeta morrera em mim. Que nada mais tinha para dizer. De repente, em poucos dias, - menos de um mês, - escrevi todos os poemas que se encontram em **A SÓS... e ESPERA. São os meus livros, de vendagem mais rápida.**

O **primeiro, A Sós**, com cinco edições em pouco mais de dois anos, já possuindo cerca de 40 mil exemplares vendidos.

O **segundo, ESPERA**, já com quatro edições esgotadas e a quinta, a sair.

Além destes livros de poesia, tenho publicado duas antologias, com trabalhos alheios, e duas, com meus próprios trabalhos.

As primeiras são: a **ANTOLOGIA DA NOVA POESIA BRASILEIRA**, esgotada há cerca de 15 anos, e que não poderei reeditar, a não ser que a refunda completamente.

OS MAIS BELOS SONETOS QUE O AMOR INSPIROU, em três volumes;

O **primeiro, contendo sonetos de poetas brasileiros de todos os tempos**, escolas e estilos, selecionados por mim, com notas e informações.

Os **volumes II e III são de sonetos estrangeiros, traduzidos por mim** (traduzi cerca de 150 sonetos) e por alguns poetas especialmente convidados.

Os **três volumes somam 1.000 sonetos, e constituem a maior mostra de poesia universal ao alcance do leitor brasileiro.**

A minha própria antologia é:

- **MEUS SONETOS DE AMOR**, uma coleção de sonetos retirados a vários livros, e
- **POEMAS DO AMOR ARDENTE**, uma seleção dos meus poemas de tom mais sensual e romântico.

Lancei ainda dois livros de trovas: **CANTIGAS DE MENINO GRANDE e TREVOS DE QUATRO VERSOS.**

Os livros: **CONCERTO A 4 MÃOS e DE MÃOS DADAS**, feitos de parceria, reúnem meus poemas, e as poesias de Maria Helena, poetisa portuguesa, em resposta às minhas. Nos volumes, incluí pequenos prefácios contando a história de nosso "encontro poético" e dos nossos "diálogos líricos".

Possuo ainda dois livros em prosa: o romance **UM BESOURO CONTRA A VIDRAÇA**, em 8.^a edição, (sem contar a edição "livro de bolso") contando uma história de amor, intensa, real.

Sobre o livro escreveu **Lazinha Luiz Carlos**: "*É um livro que nos toma pela garganta e nos conduz brutalmente à asfixia da explicação final*";

- e o ensaio político-econômico, debatendo o problema agrário brasileiro: **BRASIL, COM LETRA MINUSCULA**, (retrato do Brasil, tamanho 3 x 4). Esse livro é um Comentário crítico e polêmico sobre a atualidade brasileira e os chamados problemas de base.

Sem a crítica de "igrejinha" das grandes capitais, o livro obteve uma profunda repercussão na imprensa do interior, o que me satisfaz, pois é no interior que ainda se lê realmente e se julga com isenção .

Há ainda um livro de poemas dedicados à cidade de Friburgo em edição de uma livraria da terra, a que intitulei: **CANTO A FRIBURGO** .

CANTIGA DO Só é uma coletânea. Alguns dos seus poemas são anteriores a **Sós...** e **ESPERA**, e deixaram de ser incluídos em **HARPA SUBMERSA** porque necessitavam de pequenos retoques que só foram feitos posteriormente.

Há neste livro um soneto de mais de vinte anos:

"**Gula**". Escrevi-o sob encomenda, para a revista "**O Malho**", já desaparecida, que o publicou numa série de sonetos sobre os pecados "capitais".

Encontrei-o agora, na velha publicação, já meio amarelada, e resolvi aproveitá-lo. Muitos dos poemas, dos escritos recentemente, têm merecido por parte dos ouvintes do meu programa literário, na Rádio Tupi, aos sábados, às 18,30 horas, reiterados pedidos de leitura e cópias. (1).

"**Mulher Grávida**", "**Vermelho e Branco**", "**Carta ao Futuro de Meu Filho**", são, por exemplo, alguns dos trabalhos que mais me pedem para apresentar no programa. Agora, uma notícia final:

Quando me dispus a "limpar as gavetas" para preparar os originais deste **CANTIGA DO SÓ**, encontrei tanto material, que resolvi enfeixá-lo noutro volume.

Deste modo, depois de sua publicação, espero lançar uma nova coletânea de versos líricos, cujo título será: **QUATRO DAMAS**. (2)

Os leitores já terão compreendido que hão de encontrar em suas páginas, - pelo menos mais nitidamente, - quatro perfis de mulher... de diferentes épocas da minha vida...

Talvez o melhor título fosse: **QUATRO DAMAS... E UM CURINGA...**

Este pobre curinga, incorrigível trovador, a dedilhar em seu gasto bandolim vis cantigas de amor...

1) **O programa apresentado depois na Rádio Nacional, foi "cassado" pelo SNI**, ao tempo do **Governo Castelo Branco**, pelo **Gal. Golberi do Couto**, porque apresentei no mesmo, poemas do meu livro **MENSAGEM**, lançado pela Editora Civilização Brasileira.

2) **Quatro Damas, já foi publicado, em 1966.**

Curiosidades



J. G. de Araujo Jorge

Homenagem do Jornal A Voz da Serra ao poeta J. G. de Araujo Jorge –

Nova Friburgo - Rio de Janeiro - 16 de maio de 2002



Texto do Jornal:

J.G. de Araujo Jorge

O poeta do amor eterno que fez de Friburgo a sua musa

Nova Friburgo está devendo uma homenagem à altura a este poeta, que talvez tenha sido o último poeta romântico do Brasil. Durante muitos anos, J.G. de Araujo Jorge passava todos os fins de semana em seu sítio, no bairro da Cascatinha.

Desde então criou raízes sólidas por aqui e acabou elegendo Friburgo a sua segunda terra. J.G. dedicou à cidade diversos trabalhos em prosa e também poemas, destacando-se o conhecido Canto a Friburgo.

Nos idos de 1959, juntamente com o poeta Luiz Otávio, criou os Jogos Florais, que ao longo de todos esses anos revelou centenas de trovadores e contribuiu para restaurar o prestígio destas pequenas joias literárias de sete sílabas. *J. G. também foi membro da Academia Friburguense de Letras, onde ocupou a cadeira de número 36.*

Apesar de ter publicado mais de **três dezenas de obras e do êxito editorial** de quase todos os seus livros, **Araujo Jorge nunca foi reconhecido pela crítica literária.**

Raramente os grandes jornais publicavam alguma apreciação sobre seu trabalho, o que ele chamava de "**conspiração do silêncio**".

O fato é que J.G. foi um dos poetas mais populares que o Brasil já teve e o único que **vendeu mais de um milhão de livros**. Entre as décadas de 60 a 80, os versos de J.G. estavam nos cadernos de poesia dos jovens, eram declamados em festas e recitais e difundidos em programas radiofônicos, jornais e revistas de todo o País.

Sua poesia está viva até hoje, emocionando os corações enamorados e traduzindo seus desejos, angústias e esperanças. Uma rápida consulta pela Internet revela a existência de 910 páginas citando seu nome, além de um site próprio (www.jgaraujo.com.br). J.G. de Araujo Jorge está presente em todos os sites de poesia, com poetas do porte **de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes e outros** .

Ele se orgulhava de ser um homem que vivia intensamente. Foi professor, jornalista e publicitário de sucesso. Na época ficou muito conhecido por seus jingles, que garantiam sucesso a qualquer produto que anunciavam. Um deles é lembrado até hoje: "Isso faz um bem", da Coca-Cola.

J.G. também foi advogado e político de destaque. Em 1970 foi eleito deputado federal pelo MDB, sendo reeleito por mais dois mandatos consecutivos. Tinha uma presença ativa na tribuna, apresentando projetos relevantes. Um deles, o que propunha comemorar nas segundas-feiras o feriado que ocorresse durante a semana, foi, inclusive, transformado em lei pelo presidente José Sarney.

Lembrando J.G. - Rodolpho Abbud, trovador

"J.G. de Araujo Jorge era um poeta friburguense, nascido no Acre... O seu Canto a Friburgo, com os famosos versos "**Parada de um caminho, a caminho do céu**", ecoa como um verdadeiro canto de amor filial a Friburgo, cidade que ele jamais se cansou de exaltar.

Ele e Luiz Otávio, outro enamorado de Friburgo, legaram à nossa cidade os Jogos Florais, que permanecem vivos até hoje, 43 anos após a sua criação, como está viva, até hoje, a memória de J.G.

Está merecendo o seu busto, ao lado do de Luiz Otávio, na Fonte do Suspiro."

Lurdes Gonçalves, escritora

"Antes de ler os livros de J.G., conheci-o como orador, aplaudido pela juventude especial da época, usando como palanque a escadaria do Teatro Municipal e outros locais abertos ao povo. Suas ideias libertárias e humanísticas empolgavam as massas e despertavam a consciência do homem do povo, que o carregava nos ombros. Encontrei-o depois em rodas de escritores e jornalistas, no restaurante e nos bares vizinhos da ABI, onde se discutia literatura, política e poesia.

"Devo a J.G. as sementes de meu amor por Friburgo. Ele chefiava a redação da McCann-Erickson e eu fazia parte de sua equipe como única representante feminina. Ao voltar de seus fins de semana nestas serras, decantava com entusiasmo as belezas friburguenses, a profusão de suas flores, o verde de suas montanhas, a cordialidade de sua gente, prometendo a si mesmo uma aposentadoria perfeita no sítio que aqui possuía, o que o destino não permitiu.

Com Araujo Jorge aprendi a objetividade e a síntese do texto publicitário, sem sacrificar o capricho literário.

"Seus livros não eram bem aceitos pela mídia, que o acusava de fazer romantismo para mocinhas

ingênuas”. Era um preconceito perverso, pois estes livros vendiam aos milhares e esgotavam edições sucessivas.

Pode-se atribuir a posição hostil da imprensa à timidez de J.G., para não dizer ousadia, em desagradar à ditadura ou envolver-se em conflitos contra o poder estabelecido. *Timidez que nunca tolheu a verdade em seus versos, nem mesmo quando, deputado federal, e ocupava a tribuna da Câmara.*

"Considero essa homenagem de A VOZ DA SERRA a um dos poetas mais lidos do século 20 no Brasil não só um ato de justiça a desagravo, como também de gratidão e amizade ao homem que era um apaixonado fiel de nossa cidade. Que não pode a não deve esquecer-lo."

Yedda Santos, escritora

"Há muito tempo venho chamando a atenção de algumas pessoas sobre nossa desconsideração para com J.G. de Araujo Jorge, o poeta que amou esta cidade, não com um amor obrigatório, entrelaçado por raízes de consanguinidade ou pela tradição de ser o seu berço geográfico. Amou-a com aquele amor eletivo, de escolha consciente, feito de ternura a entusiasmo a cada nova descoberta.

*"Uma cidade que tem em sua praça principal um monumento a Virgílio a até placa de bronze homenageando **Elizete Cardoso**, uma cantora que, particularmente, não nos diz nada, esqueceu o homem que lhe compôs o mais belo dos cantos, tornando-se definitivamente a **"Parada de um caminho... a caminho do céu"**.*

*"Descobri a poesia de J.G. em minha adolescência, quando o coração começava a bater de forma diferente, embalado por novas emoções, e *seus versos falavam coisas que eu não sabia expressar. Depois admirei sua poesia factual, clamando por liberdade e igualdade, num país tão cheio de desníveis sociais a tão carente de paladinos.**

Essas reminiscências remetem J.G. a um lugar importante em minhas memórias. Mas é como friburguense nata que o meu respeito é maior, porque ele soube cantar a minha cidade com a visão de um verdadeiro apaixonado, como se o seu amor lhe possibilitasse grafar liricamente a intimidade deste rincão, de *uma forma que até hoje, nós, pobre poetas bissextos, não conseguimos imitar."*

Um Poeta

J.G. dizia que é possível aprender a fazer versos, mas nunca a ser poeta. "Poesia não é só construção. Senão, poderíamos abrir uma escola para poetas, como há uma escola de Engenharia ou de Direito. Quanto a mim, já respondi:

**Eu faço versos assim/
como quem respira e canta/
a poesia nasce em mim/
como do chão nasce a planta"**

Ele também dizia: "O poeta é um tradutor de realidades subjetivas. Um transfigurador. Um mergulhador dos mares do espírito.

O poeta é um prestidigitador - faz mágica com a vida.

Transforma água em vinho, para a embriaguez da beleza.

A poesia é criada pelo pensamento, mas seu material é o sentimento.

Cobaia de si mesmos, os poetas, em experiências e pesquisas constantes, revelam a vida, são apenas homens que nasceram poetas.

O poeta é como um alpinista, que já nasceu trazendo em si mesmo os instrumentos e apetrechos para poder realizar escaladas.

E mais: Se ninguém gostasse de minha poesia ainda assim a faria, pois nasci para isso.

Não tanto porque eu goste de minha poesia, mas porque preciso dela, o que talvez venha a ser a mesma coisa.

Sem a minha poesia, ficaria doente, como um índio confinado numa cela, sem a sua selva, seus rios, seus pássaros, sua liberdade.

Eu me encontro nela como o peixe no mar. Ela me dá a impressão de que não é só do meu espírito, mas do corpo também.

Eu a sinto, quase fisicamente.

Os artistas são como as cigarras: estas, morrem de tanto cantar; se não cantarmos morremos".

"Presente!

Muitos fogem

Por covardia,

- Eu não!

Empunho minha poesia

E vou em frente...

E respondo ao meu tempo: - Presente!"

Entresta 1

Entrevista concedida por J.G.de Araujo Jorge a Carlos Camargo, na sucursal e "Manchete", em Porto Alegre, 1969.

Ele nasceu na vila de Tarauacá, antigo Território do Acre num **dia 20 de maio de 1915**, há vários anos passados. " Os anos passados, são aulas aprendidas" diz o poeta, que é professor, no Colégio Pedro II.

Suas fã, milhares e milhares, se contradizem: umas acham-no com um "que" atraente; outras afirmam, "beleza não é tudo" E são estas que dizem:

"O que ele tem de belo no exterior, esconde (olhos azuis atrás de óculos escuros). " Mas todas são unânimes e agradecidas a ele pois, tudo o que de belo tem, no interior, exterioriza através de suas poesias.

Ele é J.G. de Araujo Jorge, o único poeta brasileiro que já vendeu mais de um milhão de livros. E talvez, o menos divulgado de todos. Seus leitores se encarregam disso e também da parte de relações públicas, e elas (as obras de JG pertencem, com um egoísmo impressionante, às fãs) são excelentes, nesse trabalho.

E à elas, dedicamos este questionário, que foi respondido pelo "poeta do amor eterno", e preenchido em nossa sucursal de Porto alegre onde ele veio para o lançamento dos "Jogos Florais" gaúchos:

Quinze respostas de JG

P1- Que acha da poesia em si?

R- A poesia é a vida acontecendo no poeta. Afinal o que é o poético senão o poeta? A vida é apenas barro. Tu serás ou não, Deus.

P2- O que acha do amor?

R- É a capacidade de "ser".

O homem ama amplamente, e de modo multiforme.

Sem amor não se "é".

Ama-se ao próximo como preconizava Cristo há quase dois mil anos: para se somar o mundo. Ama-se " a próxima ..." para a multiplicação...

P3- Onde busca sua inspiração? Escreve sempre?

R- Não busco. Ela me encontra. Está na vida. Passo meses, anos, sem escrever uma linha. Escrevo um livro, em poucos dias. Acontece.

P4- Qual seu meio preferido de distração?

R- Olhar. Há muita gente que tem apenas olhos para ver. A capacidade de se ter, "olhos de olhar" a vida, recolhendo dela tudo o que nos pode oferecer é mais empolgante.... e o mais barato de todos os divertimentos.

P5- Qual o maior poeta nacional.

R- Os poetas são como instrumentos. Não posso dizer entre um violinista, um pianista, um saxofonista, qual o maior. Cada um é grande no seu instrumento.

Citarei poetas de minha predileção: **Moacyr de Almeida, Raul de Leoni, Augusto dos Anjos**, para falar dos que já partiram, mas continuam com a gente, apenas com a sua poesia.

P6- Qual a melhor poesia que já escreveu?

R- Difícil. As poesias vão marcando "momentos" de minha vida, como os livros fixam "etapas". Cada uma delas representa, portanto, algo de particular.

Mas dá-se o fato curioso: às vezes as poesias de que mais gosto não são as de que gostam mais meus leitores. Eles, ou elas, por exemplo, preferem as minhas poesias líricas: eu prefiro as sociais, e até as políticas.

P7- Qual o tipo de mulher eu mais lhe agrada?

R- A que me compreende. Só a compreensão liga realmente um homem a uma mulher.

O resto é efêmero. Mas como me pergunta a maior qualidade na mulher para me atrair, eu responderia: a sua feminilidade, a sua ternura, a sua capacidade de dar-se.

P8- Qual a diferença do romantismo do passado e o da atualidade?

R- Costumo dizer que o romantismo não foi apenas uma escola literária, mas um estudo de espírito que independe de escolas.

Os modernos são também românticos, apenas o romantismo do nosso tempo se apresenta com características diversas do romantismo do Século XIX, o chamado "mal do século".

O romantismo do homem de nossos dias é um romantismo sensorial, que tem raízes profundas na realidade.

P9- A conquista do espaço fez decair o valor dos termos poéticos referentes à Lua, estrelas, etc?

R- Ainda não. Quem sabe lá daqui a alguns anos? Escrevi certa vez que a minha poesia "era como aquela face da Lua que ninguém vê, voltada sempre para o infinito.

"E hoje, russos e americanos já conseguiram fotografar a outra face da Lua...

Evidentemente terei de mudar a minha poesia para outro planeta, ou satélite, mais inacessível...

P10- Existe amor platônico?

R- Deve haver: o dos idealistas, o dos frustrados ou doentes. Mas o amor é como a poesia, ou como a flor, - por mais belo que seja, ou por isso mesmo, precisa da seiva que vem do chão, do trabalho das raízes.

P11- Acredita no amor à primeira vista?

R- Não. Acredito em simpatia. O amor exige tempo para definir-se, plasmar-se. O amor não nasce amor, como da semente não nasce a flor.

P12- Com que idade escreveu suas primeiras poesias?

R- Com 12 anos mais ou menos. Meu primeiro livro (**Meu Céu Interior ,1934**) é uma coletânea de poemas escritos entre 14 e 17 anos. Escrevi minha primeira poesia na mesma época em que era o capitão do "time" campeão de futebol do Colégio Pedro II, onde estudei.

P13- O que mais lhe agrada na vida?

R- A vida. Nada há de mais extraordinário. Veja o que disse neste final de soneto:

**"Podes tudo pensar, tudo criares
em histórias e cantos singulares,
o que o sonho não pode, a alma não deve,

e ainda assim hás de ver que não és louco,
que tudo que pensaste é nada e é pouco,
ante o que a própria vida ensina e escreve!"**

P14- Que escrito dedicaria à Valentina a astronauta russa, primeira mulher a devassar os espaços?

R- "Tu que não crês em Deus
mas que O olhaste de perto, em teus olhos
traze para os homens a sua muda mensagem
ainda incompreendida."

Entrevista 2

ENTREVISTA COMIGO MESMO

Compilado do livro "No Mundo da Poesia" - edição do autor-
página 229, 1969.

P1- Que Pensa da arte?

Insopitável necessidade de emergir. Todos nós que vivemos soterrados em tantos “eus”, sentimos ânsias de ar, de sol, de revelação, de comunicação. A arte ajuda o homem a se aceitar, a compreender o mundo que o cerca, a se aproximar de Deus. A alma humana, como as baleias, vive mas precisa vir à tona para respirar.

P2- E do poeta ?

É um tradutor de realidades subjetivas. Um transfigurador. Um mergulhador dos mares do espírito. É através de mensagem, que o homem comum consegue atingir "o outro lado" das coisas!

Seu trabalho enriquece a todos. Já o poeta é um prestidigitador - faz mágicas com a Vida, transforma água em vinho, para a embriagues da beleza.

Mas há o reverso da medalha: quantos poetas tenho encontrado que apenas não fazem versos!

P3 - E da poesia ?

É a ciência do coração. Os poetas são os sábios do sentimento. E quantas coisas revelam sem se aperceberem de suas descobertas. Tenho dito muitas vezes: são seres que pensam, sentindo ou, pensam, porque sentem. Constroem seu mundo com emoções.

Quando pretendem filosofar, falam de amor. E falar de amor já é fazer poesia.

A poesia é criada pelo pensamento, mas seu material é o sentimento.

Cobaias de si mesmos, os poetas, em experiências e pesquisas constantes, revelam a vida, são apenas homens que nasceram poetas.

P4- Então, o poeta não é um ser diferente?

É um ser diferente num homem comum. Sou um homem comum, apenas dispondo de recursos para realizar uma tarefa que não está ao alcance de todos.

O poeta é como um alpinista, que já nascesse trazendo em si mesmo os instrumentos e apetrechos para poder realizar escaladas.

Sou um homem comum que anda na rua, canta no banheiro, vai ao futebol, toma porre, diz palavrão, faz versos para ela; que ama, briga, sonha, desespera, como qualquer um.

Há um velho adágio latino: "primeiro viver, depois filosofar". Bem se poderia parafrasear: primeiro viver, depois poetar.

P5- E por que acha que faz poesia?

Talvez porque a única coisa que sei, e sei mal, sou eu mesmo. Se ninguém gostasse de minha poesia ainda assim a faria. Pois nasci para isso. Não é tanto que eu goste de minha poesia, mas porque preciso dela, o que talvez venha a ser a mesma coisa.

Mas, o fato é que, sem minha poesia ficaria doente, como um índio confinado numa cela, sem sua selva, seus rios, seus pássaros, sua liberdade.

Me encontro nela como peixe no mar. Ela me dá a impressão de que não é só do meu espírito, mas do corpo também. Eu a sinto, quase fisicamente. Os artistas são como as cigarras: estas, morrem de tanto cantar; nós, se não contarmos, morreremos.

P6- É fácil ou difícil fazer versos?

Fácil, ou impossível. Impossível, no sentido de ser.

Você pode se tornar um pianista, nunca um "virtuoso".

Você pode aprender a fazer versos, nunca a ser poeta.

Poesia não é só construção.

Se não, poderíamos abrir uma escola para poetas, como há uma escola de Engenharia ou de Direito. E é preciso que se diga isto, quando há uns poetas por aí negando-se a si mesmos.

Quanto a mim, já respondi: Eu faço versos assim,/ como quem respira ou canta / a poesia nasce em mim,/ como do chão nasce a planta.

P7 - Gosta do que faz?

É como se me perguntasse se gosto de rir, ou de chorar.

Gosto de cantar, de mata borrar minha alegria ou minha dor em versos.

Poderia até responder numa quadrinha:

Eu faço versos assim/

como quem ri, ou quem chora,/

e ao arrancá-los de mim/

fico nú e vou-me embora. .

P8 - Que acha de sua obra?

Seria difícil responder, de dentro dela, onde me encontro. Faltam-me isenção e perspectiva.

Mas sou um velho fazedor de versos, que em suas releituras muita vez não se reconhece em sua própria obra.

Somos tantos afinal, em nós mesmos, em mortes e renascimentos que nos acabam e nos multiplicam. Mas seria um pai desnaturado se não gostasse do que nasce de mim, com todas as qualidades e defeitos que são os meus.

P9 - Julga-se um poeta moderno?

Um poeta moderno é o que se comunica com o seu tempo, e lhe traduz as esperanças, anseios, desesperos.

Se os moços leem os meus versos e os sabem de cor, e os escrevem em seus cadernos, e compram meus livros, então não sou apenas um poeta moderno, de hoje, mas um contemporâneo do futuro, porque já estou me dirigindo ao amanhã.

P10 - Que acha do amor, como tema poético?

O mais importante. Veio explorado, mas inesgotável, só os verdadeiros poetas conseguem, encontrar-lhe novos "filões".

Confessei em "**Eterno Motivo**":

Não me envergonho nunca de falar de amor.

E repeti, em "**O Poder da Flor**".

Acima de tudo cantarei o amor./

O de Cristo e Confúcio, o de Romeu e D. Juan, /

o de Che Guevara,/ acima de todo cantarei o amor.

P11- Então, o amor é o grande tema ?

Sim, o amor, a vida. Está no meu "**Cantiga do Só**"

poesia sem vida, é como flor de papel, de matéria-plástica.

Falta-lhe seiva, viço, perfume. Não será mel nem fruto.

Não conhecerá pássaros nem abelhas. É uma imitação triste.

E a poesia tem que ser múltipla pelas próprias contingências da vida. Sem falar de minha poesia social e política (sou talvez o único poeta brasileiro com livros de poesia política: "**Estrela da Terra**", "**Mensagem**", a segunda parte de "**O Poder da Flor**), minha obra lírica evoluiu, como é natural, a cada livro.

Hoje, nos meus últimos livros, meu lirismo é um canto dramático, em que o lírico é mais um fio melódico, à distância.

P12 - Há lugar para a poesia em nossos tempos?

Em todos os tempos. E quanto mais árido o chão, mais sede de beleza sentirão os homens. Nas bicas, nos cantos, nas mãos, no coração, nas pedras, a poesia é água fresca sem a qual a vida morre. Por isso já escrevi:

Alegria /

é apanhar no chão,/

a água da minha poesia /

a correr, /

e dar a quem tem sede no coração /

para beber.

Isto me dá a sensação também da constante utilidade da minha poesia, pois percebo que muitos precisam dela, como de um pedaço de pão, ou de um gole d'água.

A poesia é, além do mais, companhia e confidente.

E quanta solidão anda por aí desarvorada, sem uma porta que se abra, um coração que a receba !

P13 - Que acha da criação?

Não sei defini-la. Sei que após ela, nos sentimos leves e felizes, como devem se sentir as mulheres após a maternidade, as crianças depois das aulas, a terra depois da chuva. Proust a definiu: decolar. .

P14 - Há inspiração?

Sim, é um toque de Deus no artista. Uma espécie de "**mediunidade**".

Um transe, um "**estado de graça**" tão natural, como a manifestação do amor.

O poeta não é apenas "**o arquiteto, o engenheiro, o construtor, o operário**" como diz Vinícius, mas o próprio morador do edifício, e sem sua presença, a sua construção é menos que uma ruína, será um edifício vazio, sem alma, sem sentido.

Com o pensamento, o homem faz prosa, faz Filosofia, Direito, Teatro, Romance.

Sem o sentimento, não há poesia, ou o que há de poesia, será àquela vaga emoção que o pensamento conseguiu perturbar ou despertar.

Alguns, raros, poetas, pensando, se emocionam.

O processo da criação poética é, entretanto, outro; sem trocadilho, inverso: porque se emocionam, os poetas pensam, e então criam. E o ato de criar verdadeiro é imprevisível.

O poeta, não diz: bem, vou fazer um poema. O poema é que vem, e diz: estou aqui, escreve-me.

Tentei explicar todo um livro, "**Harpa Submersa**": sua linguagem escorreu como lava de vulcão, fixando todas as emoções e angústias interiores.

Cristalizou-se muitas vezes, como os minerais que constroem ângulos e arestas sem conhecer as leis da cristalografia. **Assim é a poesia.**

Entrevista 3

UMA ENTREVISTA - Texto compilado do livro

"O Poder da Flor" página 09, 1ª edição,- Editora Vecchi -1969. (Publicada , na revista "Menorah", do Rio de Janeiro, **em junho de 1964**, por Miriam Blanck Sambursky)

Assim é o nosso poeta J.G. de Araujo Jorge.

O cantor que encontrou a "Estrela da Terra".

A mais brilhante pois é pura e....

"Está na terra a estrela, há séculos enterrada
como um diamante - um filão de ouro ignorado,
talvez uma lágrima.

Quando os homens a encontrarem, todos terão

E todos serão ricos"

Conversar com o poeta é fonte de prazer e de otimismo.

Conversemos, então, através de HUMANISMO - sua poesia e sua opinião.

"Fale ele italiano, russo ou japonês, alemão ou chinês, se lhe estenderes franca e livremente a mão:
- será teu irmão!"

P1 - Poeta, o mundo é realmente tão bom como sugere? Como explicar o eterno fenômeno Abel X Caim?

- Sim, o homem é bom, individualmente. Mas, o caminho para que, socialmente, possa ser bom, tem atravessado através da História, obstáculos sem conta.

A principal luta do homem tem sido contra sua própria ignorância. Inteligente é o homem que sabe distinguir entre o bom e o mau, ou o bem e o mal.

Quando a civilização vencer a barbárie todos seremos bons por que teremos superados todos os empecilhos, e chegaremos politicamente à "**REPÚBLICA DE Platão**" ou a "**UTOPIA**" de Morus.

"Fale ele português, inglês ou castelhano,

tenha nascido na Ásia, África, Oceania,

ou seja americano,

se ao seu lado estiveres na hora do perigo:

- será teu amigo!"

P2 - O otimismo cego levará o homem à liberdade?

- O otimismo consciente, sim. A liberdade é uma palavra cujo conteúdo tem mudado através dos tempos. A liberdade grega, do Discurso do Peloponeso, de Péricles, era uma liberdade dos patrícios sobre escravos da terra, e da guerra; a liberdade francesa, da Revolução de 1789, era a da Burguesia, (comerciantes e pequenos industriais) contra a realeza, mas sobre o povo; a liberdade do futuro será a do homem sem medo da vida, dispondo da educação, da saúde, da terra, dos meios de trabalho, como de ar ou de sol, em igualdade de condições.

"Fale ela italiano, russo ou japonês, francês

ou o idioma que for,

se a tomares nos braços e beijar-lhe a boca:

- será teu amor!"

P3 - Qual o verdadeiro amor: o que nasce da compreensão ou o que envolve volúpia e beleza?

- Uma coisa não exclui a outra, antes se completam. O verdadeiro amor é aquele cuja compreensão nasce de um permanente ajuste, nos planos: intelectual e moral, mas identificados pelos desejos. Amor é espírito e carne.

"Mas ... pode ele nascer até na tua casa,

ter teu sangue nas veias

morar mesmo contigo,

partilhando uma herança ou disputando um bem:

- será teu inimigo!"

P4 - Onde vai o homem buscar tanto fel? (onde encontra a abelha tanto mel?)

Conte-nos, poeta.

- Em sua ignorância, gerando atritos de interesses, a ambição e a inveja. Na pré-história, no chamado período Neolítico, o homem criou uma instituição, a propriedade, nascida de um erro elementar: confundiu o seu direito legítimo sobre o fruto da árvore que plantou, com o seu direito ilegítimo sobre a terra onde plantou a árvore que deu o fruto.

O dia em que chegarmos a compreender que não somos donos de nada, absolutamente de NADA, nem da própria vida que carregamos, e que os bens que fazem a felicidade devem estar ao alcance de todos e partilhados, sem que haja espoliações, secará a fonte do fel.

Os homens serão como as abelhas, destilarão mel em suas colmeias.

" Volta, pois, para o teu lar, para o teu campo,

teu escritório ou tua oficina,

e larga essa arma assassina,

que te trará remorsos, ou quem sabe? - horror...

E vive em paz com o teu trabalho, com os teus

[amigos,

com o teu amor!"]

P5 Serão nossos ouvidos capazes de captar mensagens divinas, poeta?

- Deus é um problema das filosofias. Não creio em mensagens divinas. As soluções para o homem estão, ou devem estar, na Terra. A estrela que indica o caminho não está no céu, está na Terra.

Não a encontrarão os Apóstolos, mas os Políticos.

"E vê se agora não erras ...

Tens a chave que explica o segredo, de todas

as guerras... !"

P6 - Qual a diferença entre um judeu, um indiano e um africano?

- Para mim, nenhuma. Todos são apenas e simplesmente homens. Não há soluções judias, indianas africanas para o homem. Diferenças de espaço e o, geográficas e históricas, não fazem dos homens seres diversos.

A Humanidade é fundamentalmente uma só. O mesmo sangue vermelho, o mesmo leite branco, os mesmos desejos, os mesmos anseios, o mesmo Pó.

O Homem. Seus problemas. Sua grandeza. Seu ajustamento num mundo melhor. Suas ânsias.

Seu êxito como intérprete da dignidade. Seu direito de viver.

Na paz de espírito e no perfeito relacionamento com seus semelhantes. Por tudo isto vive o poeta.

E cantando nos ensina o mistério da vida, percorrendo uma trilha de otimismo real e de determinação - talvez o único caminho seguro para a Criação.

Nesta seção poemas narrados por J. G. de Araujo Jorge .



*Poemas Declamados por J. G. de Araujo Jorge
Compilados do LP A Sós*

*Reproduções de pinturas: Renoir e Monet (Copyright ©
Isabel Gallery) Fundo Musical: Waltel Blanco.*

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| ▶ <u>CONFISSÃO INICIAL</u> | ▶ <u>PRIMAVERA</u> |
| ▶ <u>RAZÕES DE AMOR</u> | ▶ <u>MARINHA N° 1</u> |
| ▶ <u>ERA MÚSICA</u> | ▶ <u>DESPEDIDA</u> |
| ▶ <u>UM TEMA E DUAS VARIAÇÕES</u> | ▶ <u>CACHO DE UVA</u> |
| ▶ <u>MAIS QUE BEIJO</u> | ▶ <u>NOSSO AMOR</u> |
| ▶ <u>NÃO TENS CULPA</u> | ▶ <u>POEMETO N° 5</u> |
| ▶ <u>A FLOR</u> | ▶ <u>AMOR</u> |
| ▶ <u>UMA HORA DE MORRER</u> | ▶ <u>EU TINHA MEDO DE MORRER</u> |
| ▶ <u>O RESTO É SILÊNCIO</u> | ▶ <u>OBSESSÃO</u> |
| ▶ <u>NOTURNO N° 1</u> | ▶ <u>NOTURNO N° 2</u> |
| ▶ <u>LAGO DO CISNE</u> | ▶ <u>PRESENÇA</u> |
| ▶ <u>MORRER ?</u> | ▶ <u>SEM TÍ</u> |
| ▶ <u>NOTURNO N° 5</u> | ▶ <u>ESCREVO DENTRO DA NOITE</u> |
| ▶ <u>ESPERAR-TE</u> | ▶ <u>SOLIDÃO NO SÁBADO</u> |
| ▶ <u>SOLILÓQUIO N° 7</u> | ▶ <u>GOSTARIA</u> |
| ▶ <u>SOMBRA E LUZ</u> | ▶ <u>DESABAFO</u> |
| ▶ <u>ESCOLHA</u> | ▶ <u>CONTRASTE</u> |
| ▶ <u>ESTRANGEIRO</u> | ▶ <u>NÃO TE GOSTO EM SILÊNCIO</u> |
| ▶ <u>ESTA SAUDADE</u> | |



Poemas Declamados por J. G. de Araujo Jorge

Os Mais Belos Poemas Que O amor Inspirou

Compact Disc - Copyright © UNIVERSAL RECORDS"

Fundo Musical - Orgão: André Penazzi

▶ AOS MEUS LEITORES ▶ POEMA PARA A MULHER QUE PASSOU
▶ OS VERSOS QUE TE DOU ▶ SE...



Poemas Declamados por J. G. de Araujo Jorge
AMO

Compact Disc - Copyright © MUSICDISC"

*Reproduções de pinturas: Renoir e Monet (Copyright ©
Isabel Gallery)*

▶ <u>IDEAL DE AMOR</u>	<u>GATA ANGORÁ</u>
▶ <u>POEMA PARA A MULHER QUE PASSOU</u>	<u>VOCÊ</u>
▶ <u>CARTA CINZENTA</u>	<u>A LENDA DO POENTE</u>
▶ <u>FELICIDADE</u>	<u>A VIDA</u>
▶ <u>A VIDA É ASSIM</u>	<u>FIM</u>
▶ <u>AMO</u>	<u>BALADA DA CHUVA</u>
▶ <u>CENA E HORA DO POENTE</u>	<u>NOIVA</u>
▶ <u>TRECHO DE CARTA INÚTIL</u>	<u>ESSA</u>
▶ <u>HÁ DIAS</u>	<u>MALDADE</u>
▶ <u>CARNAVAL</u>	<u>TÉDIO</u>



José Guilherme de Araujo Jorge

Long Play

Nesta seção músicas (audio e letra) de autoria de J. G. de Araujo Jorge e Parceiros.

[AO SOM DAS BALALAICAS \(NUNO ROLAND\)](#)

[CARIOCA \(CONJUNTO TRIGÊMEOS\)](#)

[CHERIE \(CARLOS GALHARDO\)](#)

[CONFESSANDO QUE TE ADORO \(SILVIO CALDAS\)](#)

[INDIFERENCA \(CARLOS GALHARDO\)](#)

[MENSAGEM DE PAPAÍ NOEL \(RICARDO LEVI\)](#)

[MEU AMIGO VIOLÃO \(SILVIO CALDAS\)](#)

[MEU VIOLÃO VAI ME ACOMPANHAR \(LUCIO ALVES\)](#)

[MORENINHA LINDA \(NUNO ROLAND\)](#)

[NINGUÉM TE AFASTARÁ DE MIM \(CARLOS GALHARDO\)](#)

[PERDOA MEU AMOR \(ORLANDO SILVA\)](#)

[PERDOA MEU AMOR \(SILVIO CALDAS\)](#)

[PERDOA MEU AMOR \(NANA CAYMMI\)](#)

[PRAIA MULHER \(ANJOS DO INFERNO\)](#)

[PRIMAVERA EM FLOR \(ODETE AMARAL\)](#)

[SERÁ VERDADE \(ORLANDO SILVA\)](#)

[SÓ EXISTO E VIVO EM TI \(JORGE GOULART\)](#)

[TU PRECISAS DE MIM \(GILBERTO MILFONT\)](#)

[MINHAS TROVAS DE AMOR \(AGNALDO TIMÓTEO\)](#)

[PRECE \(VIEIRA BRANDÃO\)](#)

Links Poesia:

[Vinícius de Moraes](#)

[Florbela Espanca](#)

[Fernando Pessoa-Obra Poética](#)

[Hot Poems](#)

[Jornal de Poesia](#)

[Fernando Pessoa - Revisado](#)

[Rádios](#)

[Homely Fest](#)

[Central mp3](#)

[Clube do Hardware](#)

[Domínio Público](#)

[Equipe Requite](#)

[Apostilando](#)

[Firewall Leak Test](#)

[B. Piropo](#)

[3D Webstudio](#)

[Fórum Boa Dica](#)

[CS 4ever](#)

[Acupuntura Percário](#)

[CMI Brasil](#)



Poesias e seus livros de origem. Clique nos títulos para acessar :

[A Outra Face](#)

[A Sós](#)

[Amo](#)

[Antologia da Nova Poesia Brasileira](#)

[Antologia Poética - Volumes > \[1\] \[2\]](#)

[Bazar de Ritmos](#)

[Cantigas de Menino Grande](#)

[Canto à Friburgo](#)

[Cânticos \(Cântico do Homem Prisioneiro e](#)

[Cântico dos Cânticos\)](#)

[Cantiga Do Só](#)

[Coleção Trovadores Brasileiros](#)

[Concerto a 4 mãos](#)

[De Mãos Dadas](#)

[Espera](#)

[Estrela Da Terra \(Poesia política e social\)](#)

[Eterno Motivo](#)

[Festa de Imagens](#)

[Harpa Submersa](#)

[Mensagem \(Edição da Livraria Civilização](#)

[Brasileira\)](#)

[Meu Céu Interior](#)

[Meus Sonetos de Amor](#)

[No Mundo da Poesia](#)

[O Canto Da Terra](#)

[O Poder da Flor](#)

[O Poeta na Praça](#)

[Os Mais Belos Poemas Que O Amor Inspir](#)

[- Volumes > \[1\] \[2\] \[3\] \[4\]](#)

[Os Mais Belos Sonetos Que O Amor Inspir](#)

[- Volumes > \[1\] \[2\] \[3\]](#)

[Poemas do Amor Ardente](#)

[Quatro Damas](#)

[Tempo Será](#)

[Trevos de Quatro Versos](#)





Nesta seção um agradecimento especial a amiga e colaboradora Valquiria I. R. da Silva, de Florianópolis, pela ajuda na digitação de algumas poesias aqui inseridas.

OS VERSOS QUE TE DOU

EXALTAÇÃO DO AMOR

ESSA...

SONETO A TUA VOLTA

MISSÃO

VÍCIO

GOSTARIA

CANÇÃO DA MINHA ESPERANÇA

TEUS SEIOS

NOSSA CAMA

FILOSOFIA

HISTÓRIA DE AMOR

ORGULHO E RENÚNCIA

CARTA À UM AMOR IMPOSSÍVEL

CHOVIA...CHOVIA

VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA
BANAL

SENSUAL

SER MÃE

TROVAS DE CIÚMES

AS CHAVES

A FESTA TRISTE...

BILHETE

VERBO AMAR

ANGÚSTIA

LIBERDADE

PARADOXO

RAZÕES DE AMOR

CANÇÃO DO MEU ABANDONO

MANHÃ PARA SER FELIZ

VERMELHO E BRANCO

CANTO INTEGRAL DO AMOR

MINHA BIBLIOTECA

EXORTAÇÃO

BOM DIA, AMIGO SOL

SOFRER POR SOFRER

AMOR ...DE MENTIRAS...

QUANDO CHEGARES...

MÃE

GOSTO QUANDO ME FALAS
DE TI...

DESEJOS ...NA MANHÃ DE
SOL

HOJE ESTOU TRISTE...

FÁCIL, A GENTE TER MÃE

Carta à um amor impossível

Recebi tua carta, - e ainda sob o peso da emoção que me trouxe, eu te escrevo, surpreso, reavivando na minha lembrança esquecida certos traços sem cor de uma história perdida:

- falo dos poucos dias que passamos juntos...

Tão longe agora estas. Quantos belos assuntos, a que eu não quis, nem soube mesmo dar valor, relembras com um estranho e desvelado amor...

Tua carta é tão doce, e tão cheia de cores que, dir-se-ia a escreveste com o mel que há nas flores, sobre o azul de um papel tão azul, que o papel faz a gente pensar num pedaço de céu!

Impregnado nas folhas chegou até mim, um perfume sutil e agreste de jasmim e um pouco do ar sadio e puro de montanha!

Estranha a tua carta, inesperada e estranha!

Deixas nas minhas mãos a tua alma confiante, ante a revelação desse amor deslumbrante e abres teu coração, num gesto de ansiedade, sob a opressão cruel de uma imensa saudade.

Dizes que só por mim tu vives, - que a tristeza é a companheira fiel que tens por toda parte, e me falas assim com tamanha franqueza que eu nem sei que dizer receando magoar-te!

Não compreendo esse amor que revelas por mim nem mereço a ternura e o enlevo sem fim de um só trecho sequer de tudo o que escreveste, - por exemplo, - de um trecho belo e bom, como este:

"Teu olhar é o meu sol! Vivo da sua luz! - e mesmo que esse amor seja como uma cruz eu o levarei comigo em meu itinerário! E o bendirei na dor ascendendo ao Calvário!

Sem ele não existo; e sem ti, meu destino será vazio, assim como o bronze de um sino que ficou mutilado e emudeceu seus sons na orquestra matinal dos outros carrilhões!

Quero ser tua sombra até, - e quando tudo te abandonar na vida, e o frio, e quedo, e mudo, encerrarem teu corpo em paz sob um lajedo, eu ficarei contigo ao teu lado, sem medo, e sozinha e sem medo eu descerei contigo oh! meu único amor! Oh! Meu querido amigo! - para que os nossos corpos juntos, abraçados, fiquem na mesma terra em terra transformados!"

Escreves tudo assim, - e eu nem sei que te diga nesta amarga resposta, oh! Minha pobre amiga!

Tarde, tarde demais... Bem me arrependo agora do amor que te inspirei, daquele amor de outrora que eu julgava um brinquedo a mais em minha vida e a quem davas tua alma inteira e irrefletida...

Releio a tua carta, e confesso que sinto o ter-te que falar sobre esse amor extinto, um prelúdio de amor que ficou sem enredo e que só tu tocaste em surdina, em segredo...

Dizes que o que eu mandar, farás... e que és tão minha que mesmo que não te ame e que fiques sozinha bastará para ti a lembrança feliz dos dias de ilusão em que nunca te quis!

E escreves, continuando essa carta que eu leio com uma vontade louca de parar no meio:

"Minha vontade é a tua! E meu destino enredo no teu!... És o meu Deus! Teu desejo é o meu credo!

Creio na tua força e no teu pensamento, e nem um só segundo e nem um só momento deixarei de seguir-te aonde quer que tu fores, seja a estrada coberta de espinhos ou flores, te aureole a fronte a glória e te sirva a riqueza ou vivas no abandono e sofras na pobreza!

Serei outra Eleonora Duse, e te amarei com um amor infinito, sem razão nem lei.

Tu serás o meu Poeta imortal, - meu Senhor, a quem entregarei minha alma e o meu amor!

Creio na tua força e no teu pensamento! - faço dela um arrimo, e tenho nele o alento da única razão que dirige meus atos; - é a lógica fatal das cousas e dos fatos!

Orgulho-me de ser a matéria plasmável onde o teu gênio inquieto, e nervoso, e insaciável, há de esculpir uma obra à tua semelhanças!

Junto a ti sou feliz e me sinto criança curiosa de te ouvir, fascinada e atraída pela tua palavra alegre e colorida!

E se falas da vida ou se o mundo desvenda os assuntos ressoam na alma como lendas e tudo é novo e é belo, e tudo prende e atrai, de um simples botão que se abre a um pingo d'água que caí.

Há em tudo uma alma nova! Há em tudo um novo encanto!

Tantas vezes te ouvi! E sempre o mesmo espanto quando tu me dizias que era tarde, era a hora em que eu ia dormir em que te ias embora...

Muitas vezes, deitada, - eu rezava baixinho uma prece que fiz só para o meu carinho:

- com meus beijos de amor matarei tua sede, com os meus cabelos tecerei a rede onde adormecerás feliz, imaginado que é a noite que te envolve e te embala cantando;

Formarei com os meus braços o ninho amoroso onde terás na volta o almejado repouso;

Minhas mãos te darão o mais terno carinho e julgarás que é o vento a soprar de mansinho sussurrando canções e desfeito em desvelos a desmanchar de leve os teus claros cabelos!

No meu seio, - que a uma onda talvez se pareça, recostarei feliz, enfim, tua cabeça, e nada, nenhum ruído há de te perturbar! - meu próprio coração mais baixo há de pulsar...

Quando o sol castigar as frondes e as raízes com o meu corpo farei a sombra que precisas, e se o inverno chegar, ou se sentires frio, em mim há de achar todo o calor do estio!

Não te rias, - bem sei que te digo tolices, mas ah! Se compreendesses tudo, ou se sentisses a alegria que sinto ao te falar assim, talvez que não te risses, meu amor, de mim...

Isto tudo, - é obra apenas da fatalidade, - quando o amor é uma doença e é uma febre a saudade."

Tua carta é uma frase inteira de ternura, como uma renda fina, cuja tessitura trai a mão delicada e a alma de quem a fez. Ela é bem a expressão da mulher, que uma vez... (mas não, não recordemos estas cousas mais, - para o teu bem, deixemos o passado em paz se o não posso trazer num augúrio feliz para a prolongação de um sonho que eu desfiz...)

Tua carta é o reflexo da tua beleza, e há no seu ofertório a singela pureza desse amor que te empolga e te invade e domina! (Uma alma de mulher num corpo de menina!)

Reli-a muito, a sós... - Mais adiante tu dizes, com esse místico dom das criaturas felizes:

"Amo, para a alegria suprema e indizível de humilhar-me aos teus pés tanto quanto possível, e viverei feliz, como a poeira da estrada se erguer-me ao teu passar, numa nuvem dourada cheia de sol e luz, - nessa glória fugaz de acompanhar-te os passos aonde quer que vás!

Não importa que eu role depois no caminho, não importa que eu fique abandonada e só, - quem nasceu para espinho há de ser sempre espinho!... - quem nasceu para pó, há de sempre ser pó!"

Faz-me mal tua carta, muito mal... Receio pelo amor infeliz que abrigaste em teu seio, e uma angústia mortal me oprime e me castiga, deixa que te confesse, oh! Minha pobre amiga!

Não pensei... Não pensei que te afeiçoasses tanto, nem desejava ver a tristeza do pranto ensombrecer teus olhos... Quando tu partiste, não compreendia bem por que ficaste triste nem quis acreditar no que estavas sentindo...

Hoje, - hoje eu descubro que o teu sonho lindo era mais do que um sonho, - era mesmo, em verdade uma grande esperança de felicidade!

Me perdoarás no entanto... Ah! não fosses tão boa! E eu insisto de joelhos a teus pés: - perdoa!

Se eu soubesse, ou se ao menos eu adivinhasse o que não pude ver além de tua face e o que não soube ler velado em teu olhar, não teria deixado esse amor te empolgar...

Perdoa o involuntário mal que te causei!

A carta que escreveste, e há bem pouco guardei, um grande mal também me causou sem querer: - é bem rude e bem triste a gente perceber que encontrou seu ideal, - o seu ideal mais belo, - e o destruir, tal como eu, que agora o desmantelo!

É doloroso a gente em mil anos sonhá-lo e inesperadamente ter que abandoná-lo!

Se algum amor eu quis, esse era igual ao teu que tudo me ofertou e nada recebeu;

Ingênuo e puro amor, simples, sem artifícios, capaz como bem dizes:

“de mil sacrifícios, e de mil concessões, chorando muito embora, só para ver feliz o ente que quer e adora!” E pensar que isso tudo que tu me ofereces: - teu raro e imenso amor, teus beijos tuas preces, a tua alma de criança ainda em primeiro anseio;

E o teu corpo, onde a forma ondulante do seio não atingiu sequer seu máximo esplendor;

Tua boca, ainda pura aos contatos do amor; - e dizer que isso tudo, isso tudo afinal que era o meu velho sonho e o meu maior ideal, abandono, desprezo, renuncio e largo com um gesto vil como este, indiferente e amargo!

Enfim, já estás vingada... E porque ainda és criança há de este falso amor te ficar na lembrança como uma experiência... (a primeira vencida das muitas que talvez ainda encontres na vida...)

E um dia então... - quem sabe se não será breve? - descobrirás na vida aquele amor que deve transformar teu destino e realizar teu sonho...

Antevendo esse dia de festa, risonho, comporei, como um véu de noiva, para as bodas, a mais bela poesia, a mais bela de todas...

(... Recebendo-a, dirás, esquecida e contente: - "quem teria enviado este estranho presente?")

Sé feliz, minha amiga ... eu me despeço aqui...Lamento o meu destino, porque te perdi e maldigo esta carta pelo que ela diz... Não chores, - porque eu sei que ainda serás feliz...

E que as lágrimas de hoje, - enxuguem-se ao calor de um verdadeiro, eterno e imorredouro amor!

P. S. - Sê feliz. Amanhã tudo isto será lenda ...

E pede a Deus, por mim, - que eu nunca me arrependa...

(Poema de J.G . de Araujo Jorge do livro " Eterno Motivo " - 1943)

Pesquisa:



Luiz Antonio Batista da Rocha

Membro da Academia Barretense de Cultura – ABC

rocha@outorga.com.br www.outorga.com.br